O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Thomaz Christo

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Portugal e Hespanha: anno 1$300; semestre 650. Colonias portuguezas, salvo quando os assignantes mandem pagar directamente, 1$600. Extrangeiro, exceptuando Hespanha, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 26 DE JUNHO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal 120 réis a linha. Primeira pagina 1$000 réis. Ultima pagina — pagina d'annuncios — 40 réis a linha. Em qualquer pagina a linha é contada em columna d'annuncio.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Nº 1:366

A crise

Estamos como ha oito dias. E' hoje quinta feira, vae entrar na machina a primeira pagina do *Povo de Aveiro*, e ignoramos absolutamente a solução da crise. Mau é, que não podemos escrever... salpicadinho! Temos de nos limitar a considerações banaes, o que não é do nosso agrado, nem do nosso costume.

Se houvesse logica, pelos antecedentes calculavamos os consequentes. Ou se o rei tivesse *um feitio*. Mas nem ha logica n'este paiz, quer nas palavras quer nos factos, nem o rei accentuou ainda o *seu feitio*.

A crise serviu, comtudo, para demonstrar mais uma vez a absoluta falta de civismo e a absoluta desorientação do povo portuguez. Isso demonstrou-o. Até o demonstrou mais do que era preciso!

Os partidos não querem saber nem dos interesses da monarchia, nem dos interesses do paiz. Já nem guardam, mesmo, apparencias de decoro. Apresentam-se como são: quadrilhas de bandidos.

E' um horror. E vêr que não ha reacção energica contra isso, desanima.

As classes ricas estão mais ou menos enfeudadas aos partidos. E o povo não sabe o que quer, nem o que pensa. E' um maluquinho, coitado, que vae sempre com aquelles que o sabem intrujar mais habilmente.

Isto entristece. Isto desanima.

A nós, não. A nós entristece-nos, mas não nos desanima. Mas desanima milhares e milhares de pessoas que não nasceram com o temperamento de resistencia e de lucta com que a natureza nos dotou. Milhares de pessoas bem intencionadas, honestas, capazes d'actos patrioticos com homens dignos que apparecessem á frente dos partidos e governos, mas que não teem força, coragem, alento, para andar a jogar as cristas com tratantes. Não é para isso a raça portugueza. Não chega a tanto a sua abnegação. Não dá para tanto o seu civismo.

Toda a gente viu que o caso da *Companhia do Credito Predial* era um pretexto para deitar abaixo o governo. Porque o caso não tinha em si muita importancia? Não, que a tinha. Mas, precisamente, porque bem se viu que essa importancia *era o menos*.

Não se tratava de salvar a moralidade publica, nem os interesses dos accionistas. Tratava-se d'embrulhar, d'enredar, de perturbar. Sómente! Quanto mais embrulhado, enredado, embaraçado ficasse tudo, mais probabilidades d'ir a terra o ministerio. Aggravava-se com isso as circumstancias da Companhia? Levava-se esta, de tombo em tombo, á ruina? Era o mesmo. Comtanto que o ministerio fosse a terra.

Isto via-o todo o mundo. No emtanto, se nem todo o mundo fez causa commum com os especuladores politicos, nem no poder, nem na opinião publica, se sentiu força bastante para lhes resistir.

Em Portugal, está demonstrado, triumpha sempre a especulação audaciosa, a canalha atrevida. Meia duzia de garotos, a berrar, só com a força dos berros porque não teem mais força nenhuma, põem a fugir seis mil pessoas sérias e honestas, que com alguns bofetões os desfaziam.

E' triste. E' desgraçado, digamos mais apropriadamente. Mas é assim mesmo.

Toda a gente via, toda! que Teixeira de Souza não é mais honesto que José Luciano de Castro. Nem Alpoim. Nem Affonso Costa. Nem Mello e Souza. Nem Arroyo, o heroe do Nyassa, o ladrão dos tapetes, pannos de Arrás e azulejos. Nem Zé Gatuno. Todavia, a opinião publica, a que se move, a que faz barulho, berrava contra José Luciano ao mando de Teixeira de Souza, Alpoim, João Arroyo e Zé Gatuno.

Ainda se não fosse para dar a estes o poder! . . . Mas era, que é o que tem graça. Era para isso. Era para fazer substituir os que estavam sendo accusados de ladrões por outros mais ladrões do que elles. Não ha nota melhor para aquilatar da força moral e do criterio d'um povo.

E eis como em Portugal se estabeleceu *a lei do roubo*. Que importa roubar, se quem rouba não fica annullado para os actos do poder? Agora chamam-me ladrão? Mas ámanhã acclamam-me como honrado. Hoje ladrão. A'manhã honrado. Depois ladrão outra vez. Depois novamente honrado. E assim seguidamente. Por fim, enterro de *grande estadista* com artigos e discursos d'arromba a conduzir um homem á immortalidade!

E' a consagração do roubo, simplesmente.

Simplesmente!

Berrando a toda a hora contra os ladrões, não tem feito outra coisa senão consagrar o roubo, senão honrar ladrões, a chamada opinião publica portugueza.

Se a José Luciano de Castro se oppozesse um homem d'incontestavel probidade, estava bem. Mas oppor-lhe Teixeira de Souza, Alpoim, Affonso Costa, João Arroyo ou Zé Gatuno era affirmar a maior das immoralidades, mesmo a *unica* immoralidade, porque só ha verdadeira immoralidade quando, ainda que contra o mesmo crime, triumpha o crime. Era passar-lhe, a José Luciano, attestado de folha corrida.

José Luciano, sempre o dissémos, tem tremendas responsabilidades na questão do Credito Predial. Mas as suas responsabilidades veem-lhe quasi exclusivamente do espirito da regedoria. José Luciano fez d'aquillo, não uma instituição bancaria mas uma instituição politica. José Luciano metteu alli, não homens que soubessem de negocios e que tivessem a probidade dos negocios, mas compadres politicos. E para o compadre politico só ha uma lei e uma virtude: viver vida regalada á custa dos outros.

Aquillo era fatal.

Era fatal, porém, com José Luciano ou com qualquer outro politico. Aquillo foi um dos muitos fructos do detestavel espirito e detestavel regimen das quadrilhas. José Luciano não sabia, mas ainda que soubesse não podia examinar as operações bancarias do estabelecimento que dirigia. Não sabia e não *podia*. Só o cargo de governador da Companhia dava para um homem pensar e trabalhar todo o dia. Como havia, a sério, de ser governador d'uma Companhia o chefe d'uma grande quadrilha? Já a situação de chefe d'um partido, d'um partido digno, honesto, absorve inteiramente o pensamento e o tempo. Quanto mais chefe de uma grande quadrilha!

Não podendo, não sabendo, o que fez José Luciano? O que faria qualquer outro. O que teem feito e fazem todos elles. Entregou-se nas mãos d'um compadre. Abdicou. Eis o seu crime!

Mas roubou? Não roubou.

Então, como admittir, a sério, que se arvorem em seus juizes, para o condemnarem e para o substituirem, homens como Teixeira de Souza, Alpoim, João Arroyo, Affonso Costa e Zé Gatuno?

Quem fica aqui verdadeiramente condemnado, na historia que venha a fazer-se no futuro, não é José Luciano; é a sociedade que permittiu a immoralidade, a tremenda immoralidade, d'um homem ser julgado e condemnado por outros, réos do mesmo crime, mas mais criminosos do que elle.

Entre José Luciano e Teixeira de Sousa ou Alpoim, ha differença. Entre José Luciano e Arroyo, Affonso Costa, Pimentel Pinto e Zé Gatuno ha muitissima differença. Para que a sociedade portugueza se elevasse aos olhos da sua propria consciencia, em cujo fundo existe sempre, alerta, a justiça immanente, aos olhos da historia e do mundo, seria preciso que, fulminando José Luciano pelo seu desleixo, pelo seu espirito de regedoria ou compadrio, n'uma palavra, pelo seu crime, fulminasse tambem os gatunos provados, os salteadores confessos e emeritos que appareceram a hastear em frente d'elle, e em nome do paiz, a bandeira da moralidade publica. Não o fazendo, só conseguiu provar que só ha, desgraçadamente! uma coisa verdadeiramente corrupta n'esta terra: é ella!

Ou corrompida ou tola. Ou corrompida e tola. Como quizerem. De qualquer forma, ou por falta de dignidade ou por falta de criterio, sancciocinando todas as especulações e todos os roubos, hoje de A contra B e amanhã de B contra A ou contra C.

Não sabe corrigir nem castigar a especulação. Sabe apoia-la, anima-la, applaudi-la.

JUIZO!

O rei D. Manuel estendeu a mão, no banquete de inauguração da nova fabrica da *Nova Companhia de Moagens*, em Lisboa, a um escrevedor do *Mundo*.

Quiz sua magestade repetir aqui um dos muitos actos que praticaram na Italia e na Inglaterra o rei Eduardo VII e Victor Manuel.

Ora, em primeiro logar, Eduardo VII e Victor Manuel *nunca se adeantaram* a offerecer a mão a ninguem. Esperaram que, directa ou indirectamente, lh'a pedissem.

Em segundo logar, aquelles a quem Eduardo VII e Victor Manuel apertaram a mão eram *homens eminentes*, consagrados no seu partido.

Em terceiro logar, nunca nenhum d'aquelles com quem Eduardo VII ou Victor Manuel se entreteve, tinha enchido de lama o rei ou a sua familia.

Em quarto logar, emfim, nem o meio italiano, nem, especialmente, o meio inglez tem comparação alguma com o meio portuguez.

O sr. D. Manuel devia saber que o meio politico em geral, e, em particular, o meio revolucionario portuguez, é tudo quanto ha de mais abandalhado, de mais prostituido, de mais reles, de mais pulha. A sua *démarche* seria, fatalmente, amesquinhada, ridicularisada, cuspida.

Depois, era o rei D. Manuel quem dava o primeiro passo, e quem o dava em direcção a verdadeiros insignificantes e verdadeiros garotos.

Não bastando, ainda o primeiro que lhe merecia taes honras era um abjecto rabiscador da gazeta onde se chama a seu pae *ladrão* todos os dias. E a sua mãe . . .

Francamente, tomando como inexperiencia, como um acto de creancice e de pavor o que succedeu ha dois annos, quando estendidos, ainda, no caixão, os cadaveres de D. Carlos e do principe real Luiz Filipe, esperavamos hoje, passados dois annos, hoje que o rei é um homem, e que não pesam sobre si os motivos de coacção que pesavam da outra vez, que D. Manuel desse provas . . . de mais caracter e juizo.

E' a primeira vez que achamos justa a reprimenda — suprema affronta! — que a gazeta dos mais *vis souteneurs* e dos mais *reles prostitutos*, que existem em terra portugueza, dirige, a proposito, ao chefe de Estado da nação portugueza.

E comnosco estarão d'accordo, certamente, o rei D. Carlos e o principe real . . . no outro mundo.

Que honra concede ámanhã D. Manuel a um verdadeiro jornalista, se, depois do procedimento havido com legitimos ratos d'imprensa, lhe estender a mão?

Sempre queriamos que sua magestade nos dissesse!

Miseraveis!

Lê-se no orgão official da prostituição republicana:

Na Camara Alta, e após a verificação de que apenas oito pares tinham hontem respondido á chamada, deu-se este desopilante dialogo:

O Presidente—A proxima sessão é no sabbado.

O sr. Baracho—No sabbado!? Era melhor marcá-la para 7 de julho.

O Presidente—Sexta-feira é dia santo.

O sr. Baracho—E ámanhã? E na quarta-feira?

O Presidente (mascando) . . . . . .

O sr. Baracho—Tudo isto está muito predial. E' positivamente uma patuscada predial.

O Presidente—Adeus! . . .

O sr. Baracho—Adeus! Com as armas protocolares de S. Francisco . . .

(Hilariedade).

Eis o pulha, com a *piada grossa* que tem feito d'elle um dos homens *mais celebres* d'este paiz!

E eis . . . a camara *alta!*

E' aquillo! E' sem tirar nem pôr. . . aquillo!

Nunca se desceu tão baixo n'esta terra. Nem em terra nenhuma! Nem em tempo algum!

Caligula quiz fazer do seu poprio cavallo senador. Mas é preciso notar-se que *Incitatus*, o cavallo de Caligula, não tinha comparação alguma com Borracho, o senador que representa a *moralidade publica* em Portugal. *Incitatus* não tinha crime algum. Não tinha vicio algum. E era um bello cavallo.

Não falava? Oxalá que os senadores portuguezes não falassem. Que ventura, se os senadores portuguezes não falassem!

Andava com as quatro patas pelo chão? Representava a verdade, a sinceridade, a lealdade da natureza. Não era a hypocrisia, a falsidade, a traição, com que a Providencia quiz castigar este paiz pondo com duas patas no chão e duas patas no ar as maiores bestas que a natureza tem creado, desde que surgiu o burro e Adão.

Incitatus nunca chegou a ser consul nem senador. Se porventura lá chegasse, póde-se affirmar, apoiado na historia, sem medo d'errar, que não vomitaria os degraus e os tapetes da camara como os miseraveis pulhas que a degradação portugueza elevou a *paes da patria*, sagrando-os representantes da honra e do brio nacional. *Incitatus* não tentaria, em caso algum, fazer do presidente da camara urinol, como o infamissimo pulha que depois invocou as *immunidades parlamentares* para fugir ás responsabilidades dos seus actos, com applauso d'outros, ainda mais pulhas do que elle.

Vomitava os tapetes e os degraus da camara! Pretendia *despejar* sobre o presidente! Ao mesmo tempo canta hymnos á inviolabilidade da camara, que apregoa como santo tabernaculo!

Não. *Incitatus*, que não era um porco, que tinha uma cavallariça de marmore e uma mangedoira de madreperola, nunca chegaria a vilezas e a baixezas de tal ordem. E, comtudo, não foi consul! Nem senador, nem consul! E uma das maiores responsabilidades com que Caligula carregou na historia e o fez morrer apunhalado foi, precisamente, querer fazer consul *Incitatus!*

Heliogabalo forçava o senado e o povo romano a adorar a pedrinha negra que lhe deu o nome e fez d'elle Papa, ou Grão Lama, na Syria. Mas a pedrinha era sagrada! Mas a pedrinha, sobre todas as virtudes, tinha a de ser inoffensiva, inerte, muda! Ao menos era aceadinha, era limpinha! A infamia portugueza proclamou pelas tubas da gloria *chevalier sans peur et sans reproche* um nojento lacrau sahido dos prostibulos e das tabernas! Fez symbolo da *reforma dos costumes*, da *redempção nacional*, um ente immundo, com a cara cheia das immundicies dos alcouces e a farda, pois é general! coberta de nodoas de vinho e escarros das tabernas!

Heliogabalo, o infame Heliogabalo, o abjecto, o torpe, o repugnante Heliogabalo, reuniu um dia, é certo, as prostitutas de Roma no seu palacio. Mas para quê? Para lhes fazer um discurso sobre os «deveres do seu estado». *Não lhes fez mais nada.* Falou, e n'esse discurso ainda podia ter dicto coisas—não se sabe se as disse—que moralisassem. E alem de falar . . . *não fez mais nada!* Mas o asqueroso sapo que se chama Dantas Borracho, o *symbolo da honra nacional*, o pulha abjecto que se converteu n'um dos mais *heroicos e mais puros redemptores da patria*, tambem reuniu cem vezes, no seu palacio e no *palacio d'ellas*, as prostitutas de Lisboa. Para quê? Só para lhes fazer discursos, como Heliogabalo?

Ha de dize-lo a republica, quando vier. Ha de graval-o, com lettras d'oiro, no pedestal da estatua que terá de ergúer ao grande miseravel.

Pulhas! Pulhas!

Nunca se desceu tão baixo n'esta terra! Nem em terra nenhuma! Nem em epocha alguma da historia!

Como os povos vivem

Já varias vezes aqui citámos os bellos livros de viagens de Jules Huret. Continuaremos a cita-los, para que este nosso Portugal, tão cheio de *snobismo*, sempre babado de pelintra admiração perante o extrangeiro, mas desconhecendo, em regra, inteiramente o extrangeiro, saiba como se vive . . . no extrangeiro.

Jules Huret encontra em Boston uma americana linda e ardente *(jolie et ardente)* como uma Florentina. E ella diz-lhe:

— Sim, sim, eu tenho em mim, faça eu o que fizer, o instincto de viver e de gosar, o que me prova a minha animalidade. Mas tambem tenho em mim um sentimento mais forte do que esse instincto: *um sentimento de disciplina e de dever que domina, como um freio, essa materialidade.*

— Se o vosso instincto fosse verdadeiramente forte, objectou-lhe Jules Huret, não o poderieis dominar.

— Eu diria: *E' preciso* e eis tudo.

Les dents serrées, le front plissé, le poing fermé, ma belle interlocutrice répétait:

— *Il ne faut pas, il ne faut pas* . . .

Disse-lhe até que ponto eu achava aquella moral, tão contraria ás leis naturaes da vida, abominavel.

— E' possivel, respondeu ella. E talvez eu venha a achar-vos razão á medida que for envelhecendo. Mas esta foi a moral de nossos paes, a que lhes deu a sua força e, posso dize-lo, a sua gloria. Foi graças a ella que os heroicos emigrantes do *May-Flower*, que deixaram no seculo dezesete a Inglaterra pela sua fé e pela sua liberdade, poderam fundar a admiravel colonia ingleza que em seguida se tornou a America. Tentae imaginar a sua situação, ao desembarcarem, com as suas mulheres e os seus filhos, no solo indiano. Terras para arrotear, casas para construir, inimigos terriveis de dia e de noite a combater, a vida incerta, sem se saber n'um dia como ella seria no dia immediato. Que estoicismo e que energia não era necessaria! O senhor queixa-se de frio e tem mil recursos para se agasalhar. Encontra nos hoteis o *steam* para se aquecer e tudo quanto é preciso para se alimentar.

Elles não tinham nada! E não eram camponezes endurecidos pela fadiga e pelo frio. Eram homens bem nascidos, fidalgos na maior parte, mulheres que nunca se tinham servido das suas mãos para trabalhar. Comtudo, ei-los d'um dia para o outro occupados em construir casas e egrejas e as mulheres no serviço caseiro e das terras, ao mesmo tempo que creavam os filhos. Julga o senhor que elles poderam resistir a uma vida de tal ordem sem uma fé profunda, sem uma moral rigida, sem uma vontade sobrehumana? Essa fé, essa moral, essa vontade, transmittidas de geração em geração, augmentadas e fortificadas, deram ao nosso povo da Nova Inglaterra uma energia sem egual e rins d'aço. E quem ganhou e ganha foi a civilisação.

— Seja assim, accrescentei. Mas agora, que já não ha selvagens, que trabalham as machinas em vez dos homens, que tendes o *steam* para vos aquecer, productos dos quatro cantos da terra para vos alimentar e milhões que vos permittem todas as delicias e gosos da vida?

Elle secouait la tête, ne voulant plus raisonner.

— *Non, non, dit-elle encore, il ne faut pas être des bêtes, il faut toujours se posséder pour lutter contre le diable!*

Não querendo mais raciocinar, dizia o francez! Quem não raciocinava era elle. Ella, a rica americana, raciocinava admiravelmente.

E é aquillo mesmo. O que dá o triumpho aos homens fortes e aos povos fortes é o poder da vontade sobre o instincto da animalidade.

—

Jules Huret encontrou em Waldorf-Astoria o celebre industrial francez Clément, o das bicycletas. Conversaram sobre industrias, fabricas, regimens de trabalho, e Clément, entre outras coisas, disse:

«São admiraveis. Não pensam senão n'isto. Adaptam, aperfeiçoam sem cessar. E, sobretudo, especialisam e n'isto consiste a sua verdadeira força. E cada especialista, isto é cada engenheiro, cada contra-mestre, cada operario procura saber constantemente o que será preciso para que a sua machina produza melhor e mais depressa. E' a preoccupação geral, na fabrica, do primeiro ao ultimo grau da escala, desde o *groom* do escriptorio até ao director. Ninguem se occupa senão do seu trabalho pelo qual são todos responsaveis. Elles são extraordinariamente attentos. *A sua noção do dever é real e séria.* Os operarios devem oito horas de trabalho e são *oito horas de trabalho effectivo que elles dão.* Nunca nem mais um minuto. *Mas nunca nem menos um minuto.* A gente vê-os entrar de manhã na fabrica e n'um abrir e fechar d'olhos ei-los a trabalhar. Em França, pelo contrario, (que dizer de Portugal!) entra-se o mais morosamente possivel, e os primeiros dez minutos são para espreguiçar. Supponhamos uma fabrica com 1:000 operarios. São dez mil minutos perdidos, ou 166 horas de manhã e de tarde, 332 horas por dia! Contae a perda total no fim do mez. Eu entro n'uma fabrica americana, e nem um só operario levanta os olhos do seu trabalho. Em França, quando alguem visita a minha fabrica, já sei antecipadamente que são horas de trabalho perdidas.

Uma ordem admiravel, em toda a fabrica! Um methodo simples e pratico para todas as operações possiveis! Em Hartford, por exemplo, o balanço d'uma fabrica onde trabalham 900 operarios faz-se em duas horas. Em França são precisos 15 dias! E assim em tudo. Queria que o senhor visse as condições hygienicas em que vivem os operarios americanos, os seus lavabos de faiança tão limpos e aceados como os dos palacios dos millionarios, os seus refeitorios que parecem salas de restaurantes, as suas vestiarias, onde cada operario tem o seu armario com a sua chave, onde elle dependura os seus trajes de trabalho, pois fóra do trabalho é um verdadeiro *gentleman*.

E depois, continua o sr. Clément, o que nos mata em França, são as tabernas. Aqui quasi que as não ha e são pouquissimos os operarios que entram n'ellas. Preferem os clubs, onde encontram salas de gymnastica, de bilhar, jogos de toda a especie e tambem cursos nocturnos.»

Comparou elle com a França! Ora a França está, realmente, longe da America do Norte. Mas Portugal está quasi tão longe da França como a França da America do Norte!

Trabalho, instrucção, seriedade, caracter, eis o que faz a força d'um povo!

Quando a gente vê, n'um paiz onde é preciso andar de pau na mão atraz dos creados e creadas de servir, dos operarios, de meio mundo, onde é *absoluta* a incapacidade de trabalho, onde não ha methodo, disciplina, ordem, vontade para coisa nenhuma, quando a gente vê, n'um paiz d'estes, apregoar a *libardade* como remedio para tudo, fazer consistir a salvação nacional na mudança da fórma de governo, dá vontade de desfazar a chicote os charlatães, ou de fugir.

Charlatães! Infames charlatães! Que em vez de ensinarem este povo, com a doutrina e o exemplo, a crear amor ao trabalho, a adquirir espirito d'ordem e de disciplina, a educar a sua vontade, a formar o seu caracter, só sabem *receitar-lhe leis* novas e augmentar-lhe a anarchia do espirito e a pessima moral em que vive com miseraveis incitações ao vicio e á rebeldia.

Charlatães, mais criminosos que os ladrões vulgares, que os assassinos de baixo estofo!

POVO DE AVEIRO

Como dissémos, é com o proximo numero do POVO DE AVEIRO que encetamos a publicação do numero extraordinario, a sahir de quinze em quinze dias. Conservando TODO O SEU CARACTER DE COMBATE, indispensavel nas circumstancias actuaes, e o melhor meio, dadas as tristes contingencias de momento, d'educar este povo, daremos, ao mesmo tempo, duas vezes por mez, duas paginas d'artigos instructivos e dedicados ao estudo dos problemas sociaes, tanto os que dizem respeito ás condições especiaes de Portugal, como os que se relacionam com o progresso e aperfeiçoamento da humanidade em qualquer nação do mundo.

E assim correspondemos ao favor com que o POVO DE AVEIRO tem sido recebido em todo o paiz

Da mesma forma, começaremos n'esse numero a dar maior expansão aos annuncios, lembrando mais uma vez aos senhores annunciantes que o POVO DE AVEIRO é dos jornaes que teem mais larga circulação no paiz. Não só no continente, como na Madeira, Açores, e em todas as colonias portuguezas. E ainda em varios pontos do Brazil.

O RACHADO

Detesto o hypocrita, o intrujão e o pedante. Profundamente. Ninguem os detesta mais do que eu.

Muito tempo julguei sincero esse idiota que dá pelo nome de Bombardino Rachado. Não gostava d'aquelle feitio e sabia-o nephelibata, pelo que não lhe poupava remoques nem censuras. Porque, como temos demonstrado muitas vezes com transcripções de velhos artigos do *Povo de Aveiro*, nunca deixámos de fulminar as tolices e os ridiculos d'esse homem. Nunca! Sempre, a par d'elogios que faziamos á sua intelligencia e ao seu caracter, lhe estigmatisámos os erros e as tolices. Tão insistentemente, e tão vivamente, que por isso, e só por isso, elle deixou de querer mal ao diabo para nos querer mal a nós.

Mas, de novo o dizemos, julgavamos ao menos sincero esse pateta. Como muita outra gente, suppunhamo-lo bom. Honesto e bom. Só depois da maroteira que nos fez, vimos, claramente, — sem nos restarem então duvidas nenhumas —quanta velhacaria, quanta hypocrisia, quanta vileza se albergava n'aquella alma e n'aquelle corpo pequenino. O canalha!

Diga quem quizer que foi ainda por tolice que nos armou aquella infamia com que julgou, elle e os outros, annullar-nos. Só nós sabemos a doblez, a perfidia, a malvadez, que se aninhou então n'aquelles coiros.

Somos facil de enganar. Qualquer pessoa nos engana, como a todos aquelles que nasceram de boa fé. Se andamos desprevenido, confiamos. Naturalmente, confiamos. Naturalmente, acreditamos. Mas se chegam a erguer-se suspeitas no nosso espirito, passamos a ver, immediatamente, com absoluta nitidez. E ai de quem abusou do nosso espirito de lealdade e de franqueza! Ai de quem, para nos ludibriar, aproveitou a nossa boa fé! Paga-as caras. Nunca mais o miseravel deixa de nos encontrar pela frente. Faça elle o que quizer, fuja para onde fugir, esteja ou não esteja calado ou quieto. Impiedosamente, insistentemente, o vergalhamos. Até o esborrachar!

E' um hypocrita, um intrujão, um pedante, esse ignobil Bombardino Rachado. O *Calcinhas!* Reune, precisamente, os defeitos capitaes da humanidade. Poderemos perdoar a um ladrão e a um assassino. A um hypocrita, a um intrujão, a um pedante, nunca!

E' um canalha, sob o seu ar de santo e o seu frak conselheiratico. E mais uma vez a sua ultima conferenicia acaba de prova-lo.

Que série de hypocrisias! Que sucia de mentiras! Como esse homem desce, perante o povo, á lisonja degradante!

O povo portuguez não está em condições de ser lisonjeado. Lisonjea-lo, é incita-lo no caminho de perdição em que vae esta patria desgraçada.

Tambem não devemos lançar sobre elle responsabilidades. Mas podemos e devemos levantar-lhe o animo abatido, despertar-lh'o com a verdade. Orienta-lo, guia-lo com a exposição eloquente dos principios da justiça e da moralidade.

Isto não é uma nação. Isto é um grande hospital d'aleijados ou um grande hospital de doidos. A gente volta-se para todos os lados e não vê senão incapazes, inuteis, aleijões de ordem moral e d'ordem intellectual.

O povo portuguez não sabe trabalhar, nem raciocinar. Desde a creada de servir até ao mais graduado burocrata a gente pasma da falta de methodo, de zelo, d'intelligencia, emfim, de faculdades de trabalho. E' um verdadeiro horror, e não ha o menor exaggero, agora, n'esta palavra. E' rigorosamente adequada.

As creadas de servir não sabem *fazer nada*. São destituidas de todo o geito. Imprevidentes, desastradas, brutaes, estupidas. Esta é a regra geral. Incapazes de toda e qualquer iniciativa. Ou se anda em cima d'ellas, a lembrar-lhes tudo, e *a pica-las*, ou se esquecem; ou se entregam á ociosidade, ao relaxamento, ao abandono completo. Não fazem, desfazem. Tudo despedaçam; tudo estragam. São como animaes damninhos dentro d'uma casa.

As patroas, por seu lado, não teem capacidade moral nem intellectual para as supprir. Nem sequer para as mandar!

A perturbação que isto lança no seio das familias! Os prejuizos que d'ahi resultam em dinheiro! Nem se podem descrever! Nem se podem calcular! São milhões arremessados pela janella fóra. A' rua.

O que succede nas familias succede nas officinas, nas fabricas e nas repartições. O nosso operario e o nosso burocrata, álem de não saberem trabalhar não teem noção nenhuma do dever. D'aqui tres ordens de prejuizos: o que resulta da mandrice, o que resulta da *falta de saber*, e o que resulta da falta d'escrupulos, ou da noção exacta do dever. A mandrice leva milhões; a falta de consciencia, d'escrupulos, leva milhões; e a falta de saber, a incapacidade ou a ignorancia profissional, milhões leva. Tudo sommado, é um desperdicio fabuloso.

Sem contar os roubos feitos pelas quadrilhas politicas, os odiosos syndicatos, as repugnantes oligarchias, directamente, ao thesouro.

Isto é um paiz sugado até aos ossos, como uma gallinha coberta de piolhos.

De que valem *libardades*, *democracias*, *reformas de leis*, *mudanças de regimen*, contra esta situação medonha?

Não é facil destruir a incapacidade ou a ignorancia profissional d'um dia para o outro. Mas a mandrice arvorada em systema, mas a falta de consciencia e de escrupulos, mas a ausencia d'applicação, de zelo e cuidado no seio das familias, o abandono, o desleixo, cederiam rapidamente a uma habil propaganda falada e escripta.

Se toda essa gente que anda para ahi nos jornaes, nos comicios, nas conferencias, nos congressos, no parlamento a apregoar elixires salvadores, a fazer consistir o bem da nação na mudança de leis ou de regimens, concentrasse a sua actividade em combater os vicios organicos e os vicios adquiridos, era o bastante para augmentar annualmente em milhares e milhares de contos de reis a fortuna do paiz.

Seria preciso incutir no espirito de todos a noção do dever. Dizer a todos que, na grande maioria o ignoram, o que é o dever. O dever em toda a sua complexidade, em toda a sua latitude, em toda a sua grandeza. Seria preciso despertar em toda a gente o amor do trabalho, que anda muito e muito enfraquecido. Demonstrar que o trabalho nobilita, e que, afinal, só elle nobilita. Seria preciso, em vez de virtudes novas e leis novas, avigorar, fortalecer, resuscitar as virtudes passadas e tirar todo o proveito que se pode tirar das leis antigas. E só depois d'isso teria cabimento, aparte reformas e modificações impostas, nas leis velhas e usos velhos, pelo tempo, a propaganda de leis novas e de principios ainda problematicos.

Eram milhões e milhões que nos entravam, immediatamente, pela porta dentro. E com elles a regra, o methodo, a segurança, tão necessarios para o progresso e paz d'espirito d'um povo que anda desnorteado, allucinado, jogando a cabra cega, precisamente á mercê do acaso.

Que desorientação! Que cegueira! Que desgraça!

E é por eu ver essa desorientação, essa formidavel desorientação, de que resulta, d'ella e só d'ella, a nossa tremendissima e gravissima anarchia, que me causou viva indignação ver mais uma vez um tratante como Bombardino Rachado, que se diz santo, aggrava-la enormemente com a mais baixa e repugnante lisonja a que um homem pode descer.

Todos esses politicos ignobeis, todos, mas em especial os republicanos, causam colera, ao mesmo tempo que mettem nojo, adulando os instinctos, os vicios, as paixões populares. O peor d'elles, porém, é esse macaco com pretenções a homem e a sabio, esse dançarino, a dar-se ares de homem de bem, o maior velhaco d'esta terra. O nigromante, já hoje objecto de riso e de mofa para quantos, de norte a sul, ainda conservam algum senso n'esta patria. Esse miseravel, esse charlatão, esse pedante, que outra coisa não é com as suas aspirações a Papa da republica, esse tratante, a afagar vicios e tendencias damninhas sob o aspecto da justiça e da bondade.

Que grande tratante!

Este é bem dos que Christo, a chicote, ex pulsou do Templo!

Syndicancia

Appareceu, emfim, o resultado da syndicancia feita aos serviços e aos empregados do correio de Aveiro.

A syndicancia apurou faltas graves. E tão graves que o sr. director geral dos correios fez transferir *todos* os empregados d'esta repartição. Todos! Desde o director até ao ultimo distribuidor. Não ficou um!

Alguns, alem da transferencia, soffreram castigos disciplinares. Ao fiel, por exemplo, applicou o sr. director geral 100 dias de suspensão.

A energia de que deu provas o sr. conselheiro Alfredo Pereira, o espirito de justiça, o zelo pelo serviço que mais uma vez demonstrou, são muito para louvar.

E ponha aqui os olhos, se quer, toda essa cambada que por esse paiz alem colloca os seus odios politicos acima dos seus deveres profissionaes.

Nos correios portuguezes ha muitos e muitos funccionarios probos, e zelosos cumpridores dos seus deveres. A grande maioria. E ai de nós se tal não succedesse! Mas tambem ha por lá muita *ovelha ranhosa*. E uma coisa, sobretudo, se não perdoa, se não deve perdoar, nem aos funccionarios dos correios, nem a funccionario nenhum: que aproveitem o cargo para exercer vinganças ou satisfazer odios politicos. Ou, sequer, para fazer politica!

Em Aveiro, como em muitas outras repartições dos correios do paiz, havia d'isso. O *Povo de Aveiro* tem-se queixado muita vez de verdadeiras poucas vergonhas, verdadeiras infamias, por odio politico commettidas contra elle. Ora os de Aveiro já receberam o seu castigo, embora não tivessemos a queixar-nos contra elles senão d'uma má vontade impertinente. E escusado seria dizer-se que não foi esse o motivo principal do castigo infligido aos empregados da estação telegrapho-postal d'esta cidade. Mas tudo concorreu!

Os de Aveiro, *já pagaram*. Os outros que ponham os olhos n'isto, e que tomem cuidado, se quizerem.

O Seculo

Ora cá estamos. Faltava este. Mas quer valsa? Vamos á valsa.

Nós não conheciamos nem a *Lanterna* nem o Avelino d'Almeida. Nunca tinhamos lido a *Lanterna* e estamos ainda sem a ler. Nunca tinhamos ouvido falar em Avelino d'Almeida. Não sabiamos que o redactor da *Lanterna* se chamava Avelino d'Almeida. Não sabiamos que era actualmente redactor do *Seculo* Avelino d'Almeida. Nada!

No domingo passado publicámos aqui uma correspondencia de Lisboa em que se dizia que um tal Avelino d'Almeida era o auctor dos artigos sahidos no *Seculo* sobre o Credito Predial. Accrescentava-se que o dicto Avelino d'Almeida era ao mesmo tempo, ou havia sido, correspondente em Lisboa d'um jornal catholico do Porto. Mas ainda longe de nós que o tal Avelino d'Almeida, nome que ouviamos pela primeira vez, fosse o redactor da *Lanterna*.

Na quarta feira lia-se, a proposito de coisas varias, isto, no *Seculo:*

Todas as violencias e accusações escriptas e insertas contra os republicanos portuguezes, n'um pamphleto ignobil que sae a lume em certa cidade da provincia, são traduzidas e impressas e depois enviadas "para os grandes jornaes do mundo, para os homens de Estado de todas as nações.„

Quem era o auctor? Di-lo o *Portugal:* Avelino d'Almeida. E quem é Avelino d'Almeida? Di-lo o *Portugal:* é o *Lanterneiro*.

Está bem, está bem. O Avelino d'Almeida tinha cocegas. O Avelino d'Almeida vem dar o corpo ao castigo.

Vamos pedir informações sobre este malandro, e assim que as tivermos — e hão de ser boas — dar-lhe-hemos a coça que reclama.

O Silva Graça cohecemos nós. Oh, se conhecemos! Só nos falta conhecer o Avelino d'Almeida.

Até breve, até breve, Avelino d'Almeida.

Mas como elles se doem, como elles se doem!

O N.º 1

Rei dos bandidos

. . . *Sr. Homem Christo.*

Muitos dos recentes leitores do *Povo de Aveiro*, ignoram a situação do "grande homem„ Dr. Affonso Costa na parte que se refere ao seu licenciamento de lente da Universidade.

V. prestava ainda um bom serviço ao nosso paiz se a divulgasse mais uma vez.

Muitos estão na duvida se o homem ganha dinheiro ou não, pelo facto de lá não ir leccionar; os gravatinhas affirmam que não recebe vintem, pois que não está no seu caracter receber dinheiro sem trabalhar.

Emfim V. dirá o que se lhe offerecer sobre o assumpto.

Lisboa, 21-6-910.

Um leitor assiduo.

Se ganha dinheiro! Pois então o assiduo leitor do *Povo de Aveiro* ainda admitte a hypothese d'aquelle bandido deixar de *ganhar dinheiro*? Não ganha, rouba. Faça favor d'assignalar, e bem, esta differença. Não ganha, rouba! Elle nunca *ganhou* dinheiro. Elle *roubou* sempre dinheiro!

Elle não sabe conjugar o verbo ganhar. Elle só sabe conjugar o verba roubar. Que para elle só tem a primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural. *Elle rouba! E elles roubam!*

Ora faça favor d'ouvir. Isto são informações *authenticas*. Rigorosamente verdadeiras. Diga lá aos *gravatinhas*. E se o não são, elles que provem o contrario. E' tão facil! . . . Basta requerer á secretaria da Universidade de Coimbra.

N.º 1, antes de ser deputado, e depois de sahir de Coimbra, donde se ausentou **ha já uns poucos de annos,** abonava as faltas com certidões de medicos. O infamissimo pulha e ladrão *não tinha garganta* para reger a sua cadeira de professor. E tinha-a para exercer a profissão de advogado, e de advogado do crime, especialidade que exerce em larga escala, bem como a tinha para berrar nos comicios e nos clubs republicanos. O *patriota!* O democrata! O amigo da instrucção! O ladrão!

O ladrão!

Como os medicos lhe attestassem doença, é claro que recebia o ordenado. Todos os mezes.

N'este paiz d'abusos, o abuso do infamissimo ladrão, que passa a vida a chamar *ladrões aos outros*, foi a extremos de coagir a Reitoria a intervir. A Reitoria, parece que por indicação do governo que se não atrevia a affrontar o bicho de cara, fez baixar uma ordem á secretaria, para que não mais se acceitassem certidões de abonação de faltas passadas por medicos de fóra de Coimbra. O tratante viu-se assim *entalado*. E deixou então de receber até sahir novamente deputado.

Como deputado, era obrigado a reger a sua cadeira quando fechadas as camaras. Ou não receberia como lente! O que fez então o tratante? Esse tratante que anda ahi, como todos os tratantes republicanos que o exaltam, que o glorificam, a clamar contra *as accumulações*, contra as *incompatibilidades*?

O que fez o tratante?

Arranjou a fazer parte d'uma commissão extra-parlamentar, composta, porem, só de deputados—um escandalo que fez bramar os outros deputados republicanos—a fim de ficar sempre recebendo como lente da Universidade, sem, comtudo, pôr nunca os pés, como professor, na mesma Universidade.

Vejam os leitores esta infamia toda! E' claro que os membros d'essa commissão são nomeados pela camara. Ora sendo a camara monarchica, o malandrão, que accusa todos os dias a monarchia de ladra, é um dos ladrões que a monarchia, e a pedido d'elle, e por esforços d'elle, alimenta, e á larga!

Isto é um grande bando de pulhas. Convençam-se todos!

Pulhas os monarchicos, pulhas os republicanos, pulhas todos! E por isso mesmo que são todos uns pulhas e *ladrões* é que eu pergunto cada domingo: que auctoridade tem esse ladrão, esse pulha que se chama Affonso Costa, para chamar ladrões aos outros?

Na *Companhia do Credito Predial* houve ladrões. A monarchia está cheia de ladrões. Não se contesta. Mas elle?! Elle já não rouba só os particulares. Elle rouba o Estado. Elle já não é só ladrão como advogado. Elle é ladrão como deputado. Foi-o na questão da Companhia dos Phosphoros. Foi-o no caso da tracção electrica em Coimbra. E é-o como professor da Universidade.

Sabe-se que a causa capital da nossa pessima instrucção official é a falta de zelo e de civismo dos professores. Sabe-se que nos lyceus e na Universidade faltam professores habilitados. A Universidade tem-os. Mas andam *quasi* todos a passear. Os que lá ficam não chegam para as necessidades do serviço. Mas, ao menos, a maior parte dos que andam a passear, não ganham. Ao menos fazem isso. Pois este ladrão, que tem, como republicano, muito mais responsabilidades, pois este ladrão, que vae para a camara clamar contra a *falta d'instrucção*, que anda pelos comicios e congressos, com os honrados correligionarios, a berrar que *o problema da instrucção será insoluvel emquanto houver monarchia em Portugal*, pois este ladrão, que chama em plena camara ladra á monarchia, que, em plena camara, accusa a monarchia de sanccionar *accumulações d'empregos* e auctorisar *imcompatibilidades*, pois este ladrão, não só é dos lentes da Universidade que andam a passear, como é dos rarissimos que *passeiam e ganham*, tendo solicitado baixamente, ignobilmente, *para ganhar*, a cumplicidade da camara monarchica.

E os monarchicos é que são ladrões! E a monarchia é que é ladra!

Elle aproveita-se dos favores dos ladrões monarchicos para . . . *ladroar*. Elle aproveita-se da ladra da monarchia para participar dos roubos que ella commetta. Mas, depois, ladra. . . é a monarchia. Ladrões. . . são os monarchicos.

A republica é austera. E elle é um homem honrado.

E digam lá que não é um grande paiz de pulhas aquelle onde se assiste a tão ignobil espectaculo!

Um grande paiz de pulhas!

Que ainda não teve — mas ha de ter — a sorte que merece.

E a sorte que merece . . . é a valla commum das nações que affrontam cynicamente a justiça e a moral universal.

Este povo não tem direito nenhum a ser livre. A viver autonomo entre povos dignos e civilisados.

Imbecis

Diz o Margarido, o rufio, que no Paço dos Navegantes se davam centenas de exemplares do *Povo de Aveiro* aos vendedores de jornaes. Que a *Liga Monarchica* tambem distribuia semanalmente 500 exemplares. Que, porem, os vendedores nem de graça querem pegar *na porcaria* e que, por isso, *diminuiram as remessas*.

Mas dize-nos cá, ó pulha: os vendedores que pegavam na *porcaria*, vendiam-na, ou não a vendiam?

Se a vendiam, para que dar-lh'a de graça? Se a não vendiam, como explica você, seu pulha, que elles andassem a estafar-se, correndo e gritando, só pelo prazer. . . d'apregoar a *porcaria?*

Vejam os leitores: os miseraveis não se mettem comnosco vez nenhuma que, com duas pennadas, não deixemos logo provada a sua imbecilidade e repugnante trapalhice.

E' evidente que se o *Povo de Aveiro* tinha acceitação no publico, ninguem o daria aos rapazes. Vendia-se-lhe! E é evidente que se o *Povo de Aveiro* não tinha acceitação no publico, os rapazes não pegariam no *Povo de Aveiro* só pelo prazer de andar a apregoa-lo, correndo, pelas ruas de Lisboa.

Que grandes imbecis!

E que grandes pulhas!

Com elles mentem, os grandes pulhas!

O cynismo com que elles mentem, os grandes pulhas!

Mas bem. Agora vamos a tirar outra conclusão. Se os vendedores nem de graça querem pegar na *porcaria*, é claro . . . que o *Povo de Aveiro* deixou de se vender em Lisboa!

Vende-se no proximo domingo? Nós vamos para lá mandar, para todos os nossos agentes, 4:000 exemplares. São os que estão pedidos. Para a venda avulso. Não se contam as assignaturas.

Vendem-se? Sem duvida. Então, ahi teem os compradores e leitores do *Povo de Aveiro* em Lisboa — e não pode haver melhor juiz — outra prova das mentiras e trapalhices indecentes a que recorrem, a todo o instante, aquelles pulhas.

Grandes pulhas! Grandes pulhas!

E' claro: no fundo fazem-nos rir. Porque uma coisa, uma só, fica demonstrada: é que o *Povo de Aveiro* tem tanta importancia, tanta circulação, por tudo e em tudo é para elles tão terrivel . . . que não ha meio d'elles o engulirem.

Elles bem querem mostrar que o desprezam! Bem querem, coitados! Mas não podem.

Coitaditos!

De Lisboa

. . . *Sr. Homem Christo.*

Bem tem dicto o sr. que isto está tudo perdido; que está perdido sem remedio, cada vez peor, porque não ha homens, porque estes portuguezes d'agora estão degenerados. Isto está tudo perdido, tudo baralhado, tudo confundido, tudo podre, tudo ascoroso, corrupto, tudo latrinario.

Os homens que nos governam, nos governaram e pretendem assaltar o poder, não para governar, mas para se governarem, são devassos, corruptos, traidores á patria, ao povo e ao Rei. Em geral são tudo isto e quando apparecem alguns que fazem excepção, teem outros defeitos peiores; são cobardes, tremem como varas verdes perante os berros dos Affonsos Costas, Alpoins, Teixeiras de Sousas, etc., etc.

Eu bem sei que n'esta infeliz patria e na epocha actual, é necessario um grande conjuncto de qualidades para ser ministro. Mas já que na grande maioria dos homens faltam quasi todos os requisitos para governar um povo, não é muito exigir que tenham ao menos coragem, pundonor, vergonha, brio e dignidade. Fois estes homens que ahi estão á testa do governo, e entre elles cinco militares, não teem vergonha da sua cobardia?

Não teem vergonha de capitularem deante dos berros do Affonso Costa, deante do grunhir do Alpoim, diante do zurrar do Teixeira de Souza, e do urrar e gritos truanescos do Arroyo?

Pois elles não veem a triste figura que estão fazendo?

Isto está tudo invertido, tudo alterado, tudo transtornado e modificado. N'outros tempos eram os ministros que cobriam a Corôa, hoje é a Corôa que ha de cobrir os ministros. A' primeira difficuldade, correm logo ao Paço a pedir a El-rei que lhes acuda, elles que resolviam as questões que a sua tibieza tem levantado, com um boccadinho de energia.

Dizem que não se pode applicar o regimento da camara para expulsar os berradores. Mas João Franco applicou e expulsou Affonso Costa, Alexandre Braga e os outros atterraram-se e a camara continuou a funccionar. Mas suppunhamos que se tinha de exhorbitar

Então não exhorbitam elles não deixando funccionar o parlamento e fazendo parar toda a vida da nação? Exhorbitar por exhorbitar, antes o governo, para fazer voltar o parlamento ao seu funccionamento regular.

Mas partamos ainda da hypothese que o acto de força praticado pelo governo dava com elle em terra, o que duvido: então era mais logico, mais curial, mais digno, mais serio, cahir por um acto de força do que por um acto de cobardia.

Appellar para El-rei, que é uma criança bem intencionada, para lhe resolver as difficuldades que aos ministros pertencia resolver, é inclassificavel, é ignobil, é vil, é deprimente!

El-rei não tem a seu lado ninguem, absolutamente ninguem, que o aconselhe n'estes duros transes em que os politicos o querem compromettter e os ministros que lhe deviam servir d'amparo e de auxilio, prestar-lhe força e coragem para resolver as difficuldades, são os primeiros que vão pedir emprestada ao Rei a coragem que lhes falta.

Desgraçada situação esta em que os ministros deixam desamparado o Rei, nas mãos dos galfarros da politica, que não lhe teem amizade nenhuma, e não querem senão compromettel-o.

O Rei quer sustentar o governo a todo o transe, mas o governo quer a todo o transe safar-se, sem se importar deixar o Rei a braços com enormes difficuldades, a desembrulhar-se das intrigas medonhas, masculinas e femininas, que fervilham e enxameiam em torno d'elle.

Pobre Rei que não tem um amigo, nem masculino nem feminino. Nem ao menos tem um coração amigo onde repouze as suas magoas e onde deposite as suas lagrimas.

Não vê a seu lado senão ambiciosos e traidores, aduladores, insignificantes que o hão de perder e com elle esta patria querida que se vê jogada aos baldões das quadrilhas que, como abutres, a querem devorar.

* * *

Nunca vi um governo que tão mal saiba aproveitar a corrente de sympathias que o cerca. Está apoiado dedicadamente pelo seu partido, está apoiado pelos elementos conservadores, representados pela *Liberdade, Portugal, Palavra, Correio da Manhã, Noticias de Lisboa*, etc., etc. e mesmo assim não ha meio de lhe incutir coragem. Alem d'isso, todas as forças vivas da nação se encontram ao lado do governo, desejando que elle caminhe; pois nem assim mesmo ha meio de lhe incutir coragem.

Todos perguntam porque é esta fraqueza, tendo o governo todos os elementos, todos, para marchar e ninguem atina na resposta. E' unicamente porque Teixeira de Sousa, Alpoim, José d'Azevedo querem ser ministros? Então isto é razão para sete homens se acobardarem? Não deixam elles funccionar a camara?

Ponham-nos fora, á força, á coronhada, á baionetada, seja como fôr, comtanto que a camara possa trabalhar.

Não se comprehende que meia duzia de discolos perturbem a vida d'uma nação e os homens que teem a seu cargo governar este paiz, se acocorem atraz do Rei e lhe peçam que lhes acuda porque estão transidos de medo do papão do Affonso Costa e quejandos. Que vergonha! Com um rasgo de audacia mettia-se tudo na ordem n'um momento. Mas o medo do Teixeira de Sousa é tanto que até hoje não se sabe quem são os incendiarios das repartições de fazenda de Alijó, Murça, Val Passos e Carraseda de Anciães, o que seria facilimo ter apurado se o governo, logo que teve conhecimento do primeiro incendio, tivesse immediatamente demittido as auctoridades que podesse demittir, que são todas de Teixeira de Sousa, transferisse as que não podiam ser demittidas e depois de nomear auctoridades novas é que devia mandar syndicar.

Apanhava-os todos, se assim tivesse procedido. Procedendo como procedeu, todos se escaparam, porque as auctoridades que são do Teixeira de Sousa os acobertaram.

Não revela tudo isto a mais ignobil cobardia? E assim todos os actos da vida dos ministerios d'este reinado. Em meia duzia falando grosso, e escrevendo forte, ameaçando, batendo o pé, cerrando os punhos, arregalando os olhos, fica tudo aterrado, e não se lembram que dispoem de todos os elementos para os metter na ordem. Ha tempos estava Teixeira de Souza no Chiado, com um grupo de papalvos que admiravam os bocadinhos d'ouro que sahiam d'aquella bemdicta bocca. O homem estava prégando ás turbas boquiabertas, perante a sua eloquencia demosthenica.

A certa altura solta o homem a seguinte phraze, com o maior entono da sua voz cavernosa:

"Se eu me faço costas com costas com o Alpoim não ha mais um momento de socego n'este paiz„. E parece que o homem se fez costa com costas com Alpoim e não tem havido quem se faça costa com costas para os metter na ordem. D'outra vez ouvimos, nos Paços Perdidos da camara dos deputados, o Alpoim, que vinha radiante da salla das sessões depois de se ter interrompido a sessão por causa dos barulhos, e esfregando as mãos de contente, dizer: "Estão ali 7 homens que se dizem ministros, mas não governam porque eu não os deixo. Emquanto não me derem o poder não ha mais socego n'este paiz„. Textual! Os ministros souberam logo isto porque houve logo quem lh'o fosse contar e parece, pelos resultados, que tiveram de mandar as ceroulas para a lavadeira. Que triste situação, que tristes governos tem tido este Rei, e que desgraçado paiz!

E anda ahi tudo aos baldões, chamando o Rei toda a gente, e cada um lhe falla conforme as suas conveniencias, sem se importar com as conveniencias do paiz e sem se importar de comprometter o Rei. O Rei está perplexo sem saber o que ha de fazer, porque os conselhos que ouve, misturados com as ameaças que lhe fazem, põem-lhe a cabeça em agua.

Cá para mim entendo que tudo é bom menos entregar o governo aos quadrilheiros. Isso seria uma desgraça para o Rei, para o paiz, para todos nós. Se o Rei por um acto de fraqueza, por timidez, por sugestões, que muitas são as que enxameiam em torno d'elle, entregar o governo a Teixeira de Sousa e quejandos, então é melhor, mais decoroso, mais nobre e mais digno, fazer as malas, e abalar e deixar o Affonso Costa tomar conta d'isto. E' mais nobre, meu Senhor, o seguir este meu conselho do que ceder a imposições ameaças como esta quadrilha lhe está a fazer diariamente, publicamente, claramente. Antes morrer com honra, meu Senhor, do que entregar-se nas mãos de tal gente, e entregar-nos a nós, seus subditos leaes, á invicta d'esses canibaes e rancorosos que estão como feras contra aquelles que se teem opposto á realisação dos seus criminosos intuitos.

Diz-lho, meu Senhor, quem não é nada, quem nunca foi nada, quem não quer ser nada senão um cidadão dedicado ao seu Rei e ao seu paiz. Diz-lh'o, meu Senhor, quem vê as cousas a frio, quem não tem, nem nunca teve ambições, quem nunca intrigou, nunca trahiu ninguem, quem não é nem nunca foi aulico, nem sabujo, nem pretendente, nem nada. Diz-lh'o quem nunca pertenceu a syndicatos, nem nunca comeu um real a este paiz senão o que legalmente lhe pertence e legitimamente adquiriu.

Diz-lh'o, meu Senhor, quem tem por ambição unicamente ver feliz este paiz que os politicos ambiciosos ha muito veem perdendo.

* * *

Ao escrever estas linhas, no meio da semana, não se sabe ainda como será resolvida a crise, mas confio que Vossa Magestade se hade inspirar nos verdadeiros interesses do paiz, livrando-se dos intrujões que o cercam, que o adulam e o exploram. Lembre-se, meu Senhor, que a maior arte d'um Rei, como de qualquer pessoa, é conhecer aquelles que o cercam para aproveitar os bons e correr os pantomineiros que enxameiam, a horda dos politicos famintos.

A. P.

Mais um!

O *Cornetim do Margarido* arranjou mais *um martyr dos reaccionarios* e mais um *membro illustre da republica*. Lá vinha elle, de frade, no canudo de domingo, exposto á admiração e adoração dos fieis!

Chama-se José Francisco do Cabo Carvalho. Foi praça de caçadores 5. Deu baixa. Foi, depois, praticante d'enfermeiro no hospital de S. José. Encontrando ahi um frade do Varatojo, o frade — palavras do Margarido — *suggestionou-o*. O homemsinho, *suggestionado*, fez-se frade tambem. Foi para o convento, o Varatojo, com o outro frade. Mas ahi não gostou da comida. Nem da bebida! Ouviu dizer que os frades gosavam, comiam e bebiam . . . á larga. Deram-lhe assorda e pasteis de bacalhau. E não lhe deram vinho. Que espiga!

Fraquinho por effeito dos *jejuns*, veio-lhe segunda *suggestão*. Agora foi d'uma donzella por quem se apaixonou. Quiz-se lançar nos braços do *eleita do seu coração* e foi ter com o superior a dizer-lhe que se queria ir embora. *Homem tenha juizo*, disse-lhe o superior. Mas o *martyr* teimou. E como teimasse, ao fim de tres dias o superior abriu-lhe a porta.

Até ahi o martyrio foi grande. Vê-se! Mas os maiores tormentos estavam para vir. O homem fez-se dentista. O diabo dos frades, porém, *enguiçaram-no*, e não havia dente que elle não partisse, nem queixada que elle não escangalhasse. Em vista d'isso, e para fugir a essa *cruel perseguição dos frades*, fez-se republicano, offereceu-se *á redempção da patria como victima*, e ei-lo, ao lado do Cunha e Costa, do Affonso Costa, do Margarido, do Arthur Leitão, do Padua Correia, do Ribas d'Avellar, etc., o nonagesimo martyr da *libardade* e o millionesimo pantomineiro da republica!

E' d'estes tratantes que se constitue o grande partido . . . da moralidade publica e da justiça democratica em Portugal.

Ah, bom arrocho, bom arrocho! E ainda nos chamam feroz, quando pedimos um vergalho para o lombo d'estes tratantes!

O Ignobil Garcto ficará para o numero seguinte.

Não perderá pela demora.

CARTAS LISBOETAS

22 de junho

Pede alguem a reedição d'uma velha pagina. Seja. Treguas, pois, d'esta vez a estas notas de *azedume combativo*.

«Ultimamente tem-se fallado muito do feminismo em Portugal, dizendo-se adoraveis e inoffensivos disparates em conferencias e gazetas, n'uma ancia feroz de réclamo, por vezes com um mau-humor inexplicavel, quasi sempre com um acanhado espirito de critica.

Quer-se a emancipação feminina e outras coisas mirabolantes, vistosas pelo rotulo, mas não se cuida de saber se a mulher portugueza está em condições de levantar a voz para fallar de certos problemas que demandam uma preparação differente d'aquella com que na patusca da nossa sociedade se apresentam as meninas Pires, typo das meninas nacionaes.

Desappareceu, não ha duvida, aquella velha simplicidade lusitana que fazia das nossas avós umas creaturas de bom senso e, em regra, de sã moral para dar logar a doutrinarismos doentios de amor livre mal comprehendido e peor executado, e já toda a gente discute a emancipação feminina.

Ora emancipação feminina suppõe educação feminina e a mulher em Portugal está n'um deploravel estado de ignorancia, para não dizer de selvageria, o que seria forçar um pouco demasiado a nota, e não é, positivamente, palmejando a loira e ridente mocidade de D. Manuel de Bragança ou secretariando em comicios a figura do futuro presidente Bernardino que a mulher portugueza se ha de impôr á consideração e ao respeito dos que trabalham, dos que pensam e querem e desejam para esta patria infortunada, de ha tanto misero joguete de politicantes, dias melhores.

As nossas raparigas nada aprendem, nada sabem. Nem mesmo as coisas mais rudimentares da vida domestica, sabido como é que para quasi todas o casamento é um fim de vida.

Com effeito, como se preparam ellas para o casamento?

Com dois dedos de francez e inglez, mal pronunciados? Com uns cosicados faceis e uns bordados de phantasia, copiados de velhos figurinos francezes, já fóra de moda, que as modistas puzeram de parte?

E' pouco, meu amigo, deves convir. E' triste, mas é certo. E' assim.

Ainda ha dias, a proposito de uma ligeira chronica para uma gazeta açoreana sobre o assumpto *mulheres*, uma leitora houve por bem pregar-me uma descompostura mestra a proposito das minhas irreverencias para com o bello sexo. De sorte que eu temo que as nossas patricias encrispem os nervos, sensiveis em extremo, de meridionaes irrequietas em face d'estas observações ligeirissimas.

Mas isso nada fará para o caso. Nem por isso esta penna deixará de reproduzir o pensamento de quem d'ella se serve, de quem só a emprega no serviço da justiça, na defeza da democracia.

Vão chamar-me reaccionario umas criaturas jacobinas que passam a vida sonhando com republicas demagogicas, desperdiçando o tempo com tolices graúdas. Mas nem por isso as mulheres portuguezas deixarão de ser o que são — umas pobres criaturas sem educação e sem instrucção acorrentadas a preconceitos estupidos, vivendo uma vida ficticia de vaidosas e de improductivas, sem um ideal alevantado de justiça, sem ao menos, uma rigida moral que as courace para os combates da vida moderna, com as suas complexas exigencias.

Quem falla em ensinar, por exemplo, a uma rapariga noções de higiene, puericultura, trabalhos caseiros?

Sobre a alimentação da criança, o que aprendem as raparigas portuguezes? Em que escola se lhes ensina o indispensavel?

Ah, meu amigo, grande illusão essa de nos suppormos n'um paiz civilisado, nós que vivemos de passadas glorias! E que nada aprendemos, que nada sabemos, que de nada cuidamos.

Grande illusão, meu velho, de que todos sômos culpados, impenitentes rethoricos, vaidosos de uma superioridade imaginaria que só resulta ridicula no meio da nossa real decadencia. Morosos, indifferentes, apathicos.

Não são, não, meu amigo, azedumes estas palavras.

Dita-as uma triste observação de todos os dias, a experiencia de quem vê friamente, sem pruridos de patriotismo mal comprehendido e sem má vontade.

A mulher portugueza quer emancipar-se? Está no seu direito. Mas que se apresente educada. Que procure antes de querer ser doutora mostrar-se mulher. Que olhe lá para fóra e que do estrangeiro não imite só os figurinos mal feitos e os costumes licenciosos. Que aprenda o que é util, antes de cuidar d'aquillo que pode ser agradavel ás suas paixões ou aos seus vicios.

Assim, ella terá o direito de fallar da sua emancipação que é, claro, uma necessidade mas que, no actual estado de coisas, não pode ser mais do que uma utopia.

Bonecas ridiculas da civilisação, empoadas, pintadas, cheias de postiços, duplamente ridiculas pelo vestuario mal engendrado e pelo espirito tacanho, ellas não poderão hombrear com as estrangeiras que desdenham sem que d'ellas aprendam... o que ellas teem de superior e de forte.

Meu velho, os nossos principios sobre feminismo devem ser pouco mais ou menos estes: mulheres, mulheres—nunca mulheres . . . machas.

E que falem os prégadores dos comicios e as emancipadoras das conferencias.

Antes de lhes transtornarem as cabeças com as taes ideias *emancipadoras*, procurem educá-las, mas as valer.

Para não continuar a triste, a desoladora illusão do feminismo em Portugal, que um meu amigo caracterisou e bem, de feminismo de opereta.

O feminismo portuguez! Amarga ironia!

* * *

O casamento em Portugal faz-se n'uma absoluta inconscienca que é o que origina, quasi sempre, as dissoluções escandalosas e as vergonhas surdas em que liquidam tantas uniões que pareciam duradouras.

Culpa dos paes, que levam as filhas ao supplicio, julgando conduzi-las á felicidade?

Em parte. Mas producto, sobre tudo, da espessa crôsta de ignorancia que envolve este paiz de sol plantado á beira do mar.

Sim, porque a teimosia dos paes, por vezes a sua casmurrice não proveem senão da falta de educação, da ideia, falsissima, de que suas filhas só serão felizes, só se poderão garantir na vida pelo casamento.

E, assim, em vez de as prepararem para a vida do trabalho honesto e livre, criam n'ellas bonecas ridiculas, que só servem para agradar, para provocar os instinctos do macho que as ha de vir buscar, por vaidade ou por interesse, por commodidade ou por desfastio, sem tratar, tambem, e por sua parte, de inquirir da sua preparação para os serviços indispensaveis da vida domestica.

Eu não exaggero, meu amigo. As nossas portuguesinhas são, no *ménage*, de uma desoladora inutilidade. Ao seu temperamento mole, á sua ignorancia desleixada se devem as miserias intimas, a falta de commodidade, o mutuo aborrecimento que vem, quasi sempre, pouco tempo depois do matrimonio.

Ellas não foram educadas, convenientemente para a familia, nem para coisa alguma. Quando muito, fazem d'ellas senhoras de sala, quando não as deixam no papel, sempre ridiculo, de namoradeiras de janella, e as pobresinhas, sem a consciencia do que são, julgam-se bonitas quando as cortejam, intelligentes quando, attenciosamente, as escutam. Vão para o lar, de olhos fechados, entregam tudo ao esbanjamento cinico de criadas estupidas e atrevidas. E' um nunca acabar. Falta de commodidade, falte de economia.

Os maridos, que começaram por tolerá-las, entram aborrece-las. E ahi começa o martyrio, que quando não tem o seu desfecho na porcaria do adulterio, uma sujidade moral, liquida na morte ou no eterno aborrecimento, peor do que mil mortes.

Por isso é que os que vêem claro e os que sentem como seus os males alheios, os raros que não subordinam tudo a um egoismo intratavel e feroz, não deixam, não deixaram nunca de bradar: «Educae, desbrava, trabalhe. Educae, porque sem isso as vossas filhas continuarão eternas escravas dos vossos ou dos proprios caprichos. Fazei-as mulheres, para que, fortes, senhoras do do seu papel, seguras de que são alguem na sociedade, ellas procurem habilitar-se a trabalhar sem alheio auxilio.

Para que ellas possam dispensar a *protecção* dos maridos, quando essa protecção se impozer como um aviltamento. Para que possam luctar, por si mesmas, livres para a vida do pensamento e para a vida da acção. Educae. Sim, educae sempre.

D'essas bonecas enfezadas e postiças fazei mulheres, para as delicias da maternidade, para que ellas possam ser mães a valer, material e moralmente, para que ellas possam educar os filhos, dispensando os cuidados das mercenarias. Assim, honraes as vossas filhas e ennobrecei-vos, homens, se tendes brio e intelligencia, consciencia moral. Educae, sempre.»

Não penses que eu quero a mulher uma doutora, não. Já t'o disse, ainda na ultima carta — eu quero a mulher—mulher; não a *mulher-macha*.

Mas quando a mulher não tenha encontrado um amor forte que lhe guie os passos, lhe illumine a vida, lhe aqueça o coração, quando veja fechada a porta do casamento, por qualquer motivo, então, que ella, tendo-se para isso convenientemente preparado, possa encarar a vida de frente, trabalhar por si, sem descer á prostituiçao infamante, sem se vender sem se sujar, sem villipendiar o seu nome, a memoria de sua mãe, sem deshonrar a tradicção, por mais modesta que seja, da sua familia.

Tu vês ahi, ensinando por esse mundo fóra, educando creanças, ganhando honradamente o seu pão, raparigas allemãs, inglezas, belgas, suissas, francezas, italianas, americanas. . . Ensinando musica, canto, linguas, bordados, serviços domesticos, toda uma educação preparatoria para a vida.

Quantas portuguezas encontras tu, espalhadas pelo planeta, n'este mister, dignissimo, de educadoras? Quantas?

E' porque a portugueza seja inferior ás outras mulheres? Não. De modo algum.

Deixa para ahi esses ratões apregoarem a inferioridade da raça, que é uma coisa que elles nem chegam a perceber o que seja. Deixa-los dizer, que só sabem dizer asneiras, os pessimistas da ironia.

Não é da inferioridade da raça, é, sim, do desleixo educativo, do viciamento dos costumes que tem feito de nós, hespanhoes e portuguezes, povos perdidos para a vida da civilisação, ignorantes dos seus deveres, inconscientes da sua missão. E' da miseravel especulação politica, da mexeriquice indigena em que nos entretemos, rindo-nos de nós mesmos, sem a nós proprios procurarmos ser uteis.

Os maus casamentos, as liquidações matrimoniaes desastrosas, tudo isso que o sr. R. R. justamente condemna, sendo um reflexo d'este desmanchar de feira em que vamos, moral e materialmente, nós povos do occidente europeu, com tradicções gloriosas nos mares e nome proprio na historia, não provem senão da falta absoluta de educação.

Porque não ha vergonha, crê, meu amigo, que não ha. Nem dignidade civica

Eu conheci um rapaz intelligente, muito intelligente e bom, que me dizia sempre, com grande magoa: «Sabes? Isto, afinal ser portuguez...» E ficava-se a olhar o rio, tristemente, chupando o cigarro.

Era em Coimbra, na lendaria cidade dos amores e do estudo, e emquanto o Mondego corria, barrento, pelo inverno, para o mar, o meu amigo commentava com ironia os pequeninos episodios da nossa desastrada vida social.

Ser portuguez . . . Não; não é ahi que o mal está. O mal reside, unicamente, em não se saber levantar, elevar, a nossos proprios olhos e aos olhos do estrangeiro, aos olhos do mundo, em face da civilisação, o nosso nome de portuguezes. Em não sabermos educar.

Os portuguezes fazem, em regra, má figura no estrangeiro e as mulheres, as nossas portuguezas, essas, fóra do circulo restricto de familias conhecidas, não são coisa alguma. Ninguem lhes reconhece, ninguem pode reconhecer-lhes mais do que uma apiedante inferioridade, sob todos os pontos de vista.

Sim, meu velho: E' doloroso, não penses que o não é, termos de o confessar. Mas quem escreve não pode falsear o seu pensamento, ninguem deve falsear o seu pensamento, porque não passariamos de uns miseraveis troca-tintas se andassemos por ahi apregoando aos quatro ventos optimismos que só nos tornariam ridiculos, quando a observação de todos os dias e o estudo conscencioso do nosso modo de sêr como povo, nos estão constantemente mostrando que sômos um paiz atrazadissimo, com pretensões de civilisado, em quem fica muito mal, muito desageitadamente, o figurino mal copiado do progresso.

Por isso é que todos, velhos que observaram, que nos fornecem os dados apreciaveis da experiencia, novos que estudâmos, temos o dever de combater sempre, emquanto pudermos, quanto soubermos, para o resurgimento e revigoramento d'esta pobre raça infeliz.»

Visto.

BELGAVINO.

Homem Christo, Filho

Chegou com effeito a Portugal na quarta feira passada, a bordo do *Oriana*, procedente de Liverpool, o filho mais velho do director d'*O Povo de Aveiro* que, depois d'uma viagem de quatro mezes por toda a Europa, aqui está de passagem para o Brazil e Argentina onde deve encontrar-se, para iniciar as suas annunciadas conferencias, no dia 1 de agosto proximo.

No dia da sua partida para Madrid dissemos nós, n'este jornal, que esperavamos vê-lo triumphar porque confiavamos na sua intelligencia e no fundo bom do seu caracter. Assim foi, na verdade. Homem Christo, Filho, triumphou em absoluto, creando um nome quer em Hespanha, quer em Italia, quer em Paris onde foi alvo, durante todo o tempo que ali se demorou, e em especial nas vesperas da sua partida, das mais calorosas e significativas manifestações de apreço.

Sobre a nossa banca de trabalho accumulam-se os jornaes que apreciam, nos termos mais elogiosos e enthusiasticos, as suas conferencias em Madrid, Barcelona, Genova, Napoles, Catania, Palermo, Veneza, Florença, Milão e Paris e não ha duvida que em toda a parte Homem Christo, Filho, foi distinguido com as mais carinhosas provas de consideração e estima. Como n'esse momento dissemos a sua viagem tinha por objecto ultimar pessoalmente os detalhes das cinco edições estrangeiras do seu livro — *Mimi Aguglia*, *O Genio da Tragedia* — tres das quaes entraram já no prelo e devem ser publicadas em poucos mezes.

Devido ao suicidio de seu irmão mais querido, Mimi Aguglia encontra-se gravemente enferma, fazendo n'esta occasião uma viagem de recreio pelo Transwal, onde deve demorar-se ainda algum tempo. E pelo seu estado de saude ser incompativel com tamanho esforço, não partirá ainda este anno para o News-Theatre de New-York, onde debutará sómente a 1 de outubro de 1911. Esta demora forçou Homem Christo, Filho, a dirigir n'outro sentido a sua actividade e assim é que, tendo fixado residencia em Paris, foi convidado a escrever uma peça para o Theatro Antoine, peça que já concluiu, e duas obras que muito em breve devem tambem apparecer nas grandes montras das livrarias parisienses e que se intitulam—*L'Ivresse Eternelle* e *Le Charme de la Mort*. Quasi simultaneamente uma grande empreza constituida por millionarios americanos convidava Homem Christo, Filho, a occupar o logar de redactor em chefe da maior revista que até hoje se tem publicado em França e cujo primeiro numero deve sahir até 1 de setembro d'este anno. Essa revista, intitulada "**Cosmopolia**„, tem por fim vulgarisar em França as litteraturas estrangeiras, tornar conhecidos os costumes, os homens e a arte de cada povo. A' frente d'esta publicação está um grande *comité* composto de todas as celebridades europeias e americanas, taes como Antole France, Octave Mirbeau, Marcel Prévost, Victor Margueritte, Jules Claretie, Brieux, Edmond Rostand, Jean Richepin, Paul Hervieu, Ernest La Jeunesse, Pierre Lotti, Max Nordau, Alfred Naquet, M.me Catulle Mendès, Condessa Mathieu de Noailles, M.me Séverine, M.me Barthet, M.me Sarah Bernhardt, Blasco Ibañez, Gomez Carrillo, Luis Morote, Fillipe Trigo, Villaespesa, Perez Galdós, Garmen de Burgos Segui, Roberto Braccho, Gabriel d'Annunzio, Guglielmo Ferrero, Enrico Ferri, Mathilde Serao, Mimi Aguglia, Eleonora Duse, Edgard Kipling, M.me Marschal, etc., etc. Assim *Cosmopolia*, cujos escriptorios estão já abertos em Paris, presta os mais relevantes serviços á litteratura e arte de cada povo e preenche um logar ainda não occupado no movimento litterario contemporaneo. E' a publicação do 1.º e 2.º numeros, inteiramente dedicados o 1.º ao Brazil, o 2.º á Argentina, que levam Homem Christo, Filho, a estes dois paizes onde fará uma serie de conferencias n'algumas das suas sociedades mais importantes.

Congratulando-nos com os seus triumphos, que nos enchem de satisfação, terminamos este artigo com as palavras escriptas por Octave Mirbeau, o grande romancista, gloria da França e da humanidade, no *menu* do banquete que, com o concurso dos mais illustres litteratos e artistas de Paris, foi offerecido a Homem Christo, Filho, na grande cidade, nas vesperas da sua partida para Londres. As palavras de Mirbeau que acompanham o *menu* são um pequeno extracto do seu estudo sobre o temperamento litterario de Homem Christo, Filho, que será publicado opportunamente.

Homem Christo

(Paroles de M. Octave Mirbeau)

. . . C'est Dimanche prochain que nous aurons le plaisir de voir ajouter son nom à la liste, déjà longue, des hommes éminents de Paris. Cette distinction est une œuvre de justice, car M. Homem Christo, *qui d'une façon si rare a su se détacher dans le monde littéraire contemporain, est non seulement un écrivain sortant de l'ordinaire, mais encore un orateur très éloquent, comme il nous a été donné de le voir à l'Hôtel des Sociétés Littéraires et Artistiques et au Théâtre Sarah Bernhardt. Ses discours, pleins de force et d'enthousiasme, ravissants et d'une spontanéité qui touche, sont en même temps une merveille d'art par la forme impeccable, par le rythme cadencé, par l'impression de beauté que nous laissent ses phrases admirablement choisies.*

. . . Je connais **Le Génie de la Tragédie, l'Ivresse Eternelle** et **Le Charme de la Mort** *qui doivent paraître dans quelques mois à Paris et je peux bien vous assurer que dans toute ma vie de littérateur, rarement j'ai éprouvé une émotion aussi vive, que celle que m'a donné la lecture de ces trois œuvres. Très prochainement nous aurons le plaisir de voir jouer sa pièce au Théâtre Antoine et je suis sûr du triomphe. Mais ce n'est pas encore assez pour l'activité extraordinaire de* M. Homem Christo *qui bientôt nous donnera une Revue de Littérature Internationale, paraissant mensuellement à Paris, avec le concours de ses amis du monde entier. Il n'existait pas encore une Revue de ce genre. Un archi-millionnaire américain passioné du talent de* M. Homem Christo, *l'a invité pour occuper la place de rédacteur en chef de* **Cosmopolia** *qui, je le crois, sera le plus grand succès littéraire de cett année.*

. . . La veille du jour de son départ pour le Portugal et le Brèsil, où il va faire la propagand de sa Revue, la «Société Littéraire Internationale» a décidé de lui offrir un banquet, où se trouveront tous les écrivains les plus célébres de France, pour lui rendre hommage. Nous n'avons qu'à applaudir chaleureusement cette idée, et nous serons les premiers à déposer sur ses joues le baiser fraternel de l'admiration et de l'amitié. Heureusement que Paris a su reconnaître en M. Homem Christo *un digne représentant du Génie vivant de la race latine.*

Homem Christo

(Palavras de M. Octave Mirbeau)

. . . E' no proximo domingo que teremos o prazer de ver o seu nome na lista, já longa, dos homens eminentes de Paris. Essa distincção é uma obra de justiça, porque o Senhor Homem Christo, que de uma maneira tão rara soube destacar-se no mundo litterario contemporaneo, é não só um escriptor fóra do vulgar mas um orador eloquentissimo, como tivemos occasião de observar no Palacio das Sociedades Litterarias e Artisticas e no Theatro Sarah Bernhardt. Os seus discursos, cheios de força e de enthusiasmo, arrebatadores e d'uma espontaneidade que impressiona, são ao mesmo tempo uma maravilha d'arte pela forma impeccavel, pelo rhythmo cadenciado, pela impressão de belleza que nos deixam as suas phrases admiravelmente escolhidas.

. . . Eu conheço o **Genio da Tragedia, a Embriaguez Eterna** *e o* **Encanto da Morte** *que dentro d'alguns mezes devem apparecer em Paris e posso assegurar que raramente, em toda a minha vida de escriptor, senti uma emoção tão viva como ao ler essas tres obras. Muito brevemente teremos o prazer de ver representar a sua peça dramatica no Theatro Antoine e antecipadamente estou certo do seu triumpho. Mas não é tudo para a extraordinaria actividade do Senhor Homem Christo que em breve nos dará uma Revista de Litteratura Internacional, apparecendo todos os mezes em Paris, com o concurso dos seus amigos do mundo inteiro. Não existia ainda uma Revista n'esse genero. Um archi-millionario americano, admirador do talento do Senhor Homem Christo, convidou-o a occupar o logar de redactor principal da* **Cosmopolia** *que, creio, será o maior successo litterario d'este anno.*

. . . Na vespera da sua partida para Portugal e Brazil, onde vae fazer a propaganda da sua Revista, a «Socieda'e Litteraria Internacional» decidiu offerecer-lhe um banquete, onde irão prestar-lhe homenagem todos os mais celebres escriptores da França. Só temos que applaudir calorosamente esta idéa e seremos o primeiro a depor-lhe nas faces o beijo fraternal da admiração e da amizade. Felizmente que Paris soube reconhecer no Senhor Homem Christo um digno representante do Genio vivo da raça latina.

Fundo de propaganda

Commissão que recebe os fundos:

Major Antonio Augusto Beja
Padre José Marques de Castilho, professor e director da Escola d'Ensino Normal
Francisco Augusto da Silva Rocha, professor e director da Escola Industrial.

Transporte do numero 1:361 . .	312$610
J. F. de Faria (Lourenço Marques). .	1$200
Conego A. Coimbra (Cabo Verde) . .	500
Padre Anselmo A. da S. Bunheirão (Beja)	1$500
Somma	315$810

Alpoim e o... talisman...

O correspondente da *Palavra,* em carta de Lisboa de 14 do corrente, *em plena crise,* dizia o seguinte que é de ponderar:

«Vimos, hoje, o sr. Alpoim, num automovel, muito sorridente e satisfeito. Será verdade o que se diz a seu respeito, que explicaria muita coisa, muitos successos extraordinarios da politica portugueza? Diz-se, effectivamente, que o sr. Alpoim possue um segredo, um talisman, um *triumpho* com que está sempre certo de fazer *vasa,* independentemente dos governos e dos partidos, uma folha de trevo pessoal, que dá «veine» aos que a conservam. Essa folha de trevo tem, — segundo se diz ainda, — algumas penosas palavras escriptas, susceptiveis de comprometter não sabemos quem, e que naturalmente constituem uma arma terrivel nas mãos de quem não tiver escrupulo em fazer uso d'ella. Se o leitor não leu ainda a obra celebre de Edgard Poé, o phantastico escriptor americano que cultivou o horror com um fundo de melancolia, procure nos seus admiraveis «Contos» aquelle que tem por titulo «La lettre volée» e lá achará a explicação d'aquillo que, n'esta chronica, só em termos breves e vagos podemos enunciar. O certo, porem, é que as conveniencias pessoaes de quem quer que seja não podem pesar sobre o paiz, e que, se o talisman do sr. Alpoim não pode ser recuperado pelos processos empregados no conto de Poé, pode, todavia, ser inutilisado, pela antecipação do seu conhecimento, o que lhe faria immediatamente perder todo o valor. Esperaremos que haja quem o inutilise d'essa maneira; se não houver, talvez o inutilisemos nós. Isto não é uma ameaça; é um amigavel aviso.»

V., sr. Redactor, já ha mezes se referiu a este assumpto, fazendo affirmações que deixaram muita gente boquiaberta. No caso anda em scena, ao que parece, a *dama do olho de vidro,* a que em tempos se referiu o *Petardo,* do Padre Benevenuto, com grande escandalo do sr. Alpoim no *Dia* (bate certo) que fez tanto barulho que até o Patriarcha censurou o tal *Petardo,* por se referir a *damas* do Paço, etc., etc. Vejam o lealismo do barrigudo da Rede, que só vê *inconveniencias* no *Petardo* e não enxerga nada de *incorrecto* no infame *Diz-se* do orgão da Margarida, que constantemente insulta gente do Paço no que ha de mais respeitavel . . .

Por isso, sr. Redactor, é mister que V. ponha esta questão a que se refere a *Palavra,* em pratos limpos, para sabermos quem nos governa. Isto é que não pode continuar. O Alpoim tem em seu poder *carta* importante a respeito da revolta dos marinheiros, vinda do *alcaçar real?* Saiba-se tudo. O paiz deve sabel-o para correr toda a cambada. Mas *toda.* Seja vermelha ou azul. Portugueza ou andaluza. O *Povo de Aveiro* corresponde a esta necessidade de momento. Correr toda a canalha que abunda em toda a parte. Cá (na monarchia) e lá, — na republica. Saiba-se tudo.

UM PORTUGUEZ.

Carta de Gôa

2-6-910.

Continuando a materia da carta anterior, de 25-5, cumpria proseguir na lista dos desfalques ou roubos praticados na governação e pela governação do sr. Horta e Costa. E' o que vamos e iremos fazendo a vêr se o governo de Sua Magestade, se os politicos que estão debatendo os desfalques e rombos praticados na metropole, volvem a sua attenção e acodem, a tempo, a tapar os innumeros crivos ou boqueirões por onde estão esgotando o sangue e a vida do Estado da India.

Mas temos de intercalar na inacabavel lista os esclarecimentos precisos, que nem sempre se podem condensar em forma de verbas.

A folha semi-official — *Heraldo,* — n.º 590, de 29-5, apresenta no topo da secção — **Echos e Noticias** — um artigo — *Mattas da Traganã* — occupando uma extensa columna do 'ornal.

A campanha contra o Administrador d'aquellas *mattas* não se agita *desde ha algum tempo* como a folha semi-official quer figurar. A campanha é bastante velha. E não é só *O Colonial,* de Lisboa, que tratou d'ella, como quer inculcar; varios outros o fizeram, como a revista — *Portugal na Africa.*

E' que hoje a venda de madeiras da Traganã é questão, que, como a tarrafa lançada ao ar, se abriu e se ventilou apanhando nas malhas, além do administrador, mais grandes peixes.

Indaguem e verão que esta questão tem labyrinthos sinuosos como o de Hinton. Ao fio de Ariadne, ao fio.

O citado artigo do — Heraldo — está uma obra prima das encommendas, é elaborado com tanta finura como costumam ser os nossos orçamentos do Estado, que reduzem o deficit com extraordinaria ardileza.

A quem o lê parece que a questão só se refere ao sr. capitão Lindorpho Barbosa e não ao sr. Horta e Costa. Mas quem é que mandou fazer a venda annullada?

Quem é que a acharia auctorisada *sem ter conhecimento de quanto ella era importante?*

Então é preciso que o administrador fosse chamado a Pangim para dar esse conhecimento ao sr. Governador?

O artigo do *Heraldo,* só por si, deita fumo bastante para comprovar a existencia do fogo.

Foi uma Port. Prov. do sr. J. J. Machado, quando governador de Gôa, (1897 a 1898,) que alterou a constituição do governo districtal de Damão firmada por Decretos Regios, separando a Traganã-Nagar-Aveli e creando essa administração, á parte, e independente da fiscalisação do governo districtal, para deixar assim livre a acção do sr. capitão Lindorpho Barbosa, um official pratico, justamente quando fôra encarregado de importantes e despendiosissimos trabalhos, como são a acquisição de machinas a vapôr, installação de serrarias, sustentação e educação de creanças pobres na escola de artes e officios, serviço da tombação, do restabelecimento da cultura do *maurá,* mediante a verba orçamental de 300 rupias annuaes, o encargo de operações de banco agrario etc., etc. E' este, pois, o engenhoso fôrno; d'aqui o fumo que exibe o — *Heraldo* — do fogo alimentado por syndicato poderoso ha mais de 13 annos.

Isto explica o motivo porque o sr. Conselheiro Horta e Costa interveio na venda anulada das madeiras da Traganã; explica o raro civismo manifestado pela visita extra-official feita pelo sr. Conselheiro Machado á Traganã; explica o seu telegramma ao sr. Governador geral com encomios ao Administrador por elle proprio nomeado; explica o empenho com que áquella folha semi-official (n.º 517) lhe publica este telegramma, e finalmente explica a particularidade porque só Traganã mereceu tantos favores, tantos sacrificios ao sr. Conselheiro Machado.

O sr. Conselheiro Horta e Costa sabe muito bem a historia de quasi 40 mil rupias que, a pretexto da compra da flôr de *maurá* fora levada da fazenda de Damão pelo sr. capitão Lindorpho Barbosa; e que esta quantia só muito tarde pelo sr. Governador Novaes Rebello fôra mandada repôr. Sabe V., que por estes e outros factos de desvio dos dinheiros publicos houve uma syndicancia, que o syndicante foi o sr. Eusebio da Fonseca, seu particular amigo.

E todo o mundo sabe d'estes factos escandalosos, sabe da syndicancia promovida, sabe que, apezar de tudo, o sr. Horta e Costa se conforma com esses factos apurados pela syndicancia e conserva o sr. capitão Lindorpho Barbosa na administração da Traganã. Está exauctorado perante a consciencia publica. Até á outra.

A. S.

. . . Sr. Homem Christo

E' principio assente, em biologia, que a "vida„ é incompativel com a accumulação de elementos nocivos, qualquer que seja a sua origem, no "meio„ em que tem de operar-se as actividades que a constituem.

O parlamento portuguez está nêste caso.

O prestigio da representação nacional acha-se á beira da sepultura, porque o poder legislativo, de ha longos annos, não exerce, como deve, as suas funcções, impedido de as desempenhar pela abundancia, no "meio„ parlamentar, de elementos damninhos, deletérios e, por isso, improprios para a "vida„ regular d'aquella collectividade.

Urge, por conseguinte, *desinfectar* o parlamento portuguez. Para salvação da ordem social, para restabelecimento do respeito ao decoro pessoal e ás leis — sem o qual não é possivel manter a honestidade de administração publica, factor capital para a prosperidade da nação — é absolutamente indispensal sanear o meio politico, em que estão condemnados a funccionar e "viver„ os poderes legislativo e executivo.

Ensina, ainda, a biologia — cujas nórmas são, em grande parte, applicaveis á vida das sociedades — que, para a purificação dos "meios„ ha dois processos principaes: Transformar os elementos deletérios, convertendo-os em uteis ou inofensivos. Expungir do "meio„ esses corpos prejudiciaes.

No caso especial, de que me occupo, considero como inteiramente impraticavel e inefficaz qualquer tentativa ou esforço para transmudar certos deputados e pares do reino em cumpridores, honestos, sérios e dignos, dos deveres dos seus cargos. São energumenos dementados pela furia de derribar adversários, que o paiz estima, considera e apoia; são processos da ambição, empolgante, cega e sem escrupulos, de conquistar o mando, sêja como fôr, á custa de todos e de tudo; são perfeitos epilepticos, que esquecem os crime de lesa-patria, por elles mesmos praticados, tão obliteradamente, que cuidam havê-los egualmente olvidado toda a gente, e ousam, por isso, dirigir apôdos e censuras, calumniosas, aos homens probos e querer impôr-se, á nação, como governantes, sem perceberem o terror e a repulsão que a simples ideia de tal possibilidade provoca, na grande multidão dos pensantes, desapaixonados, que constitue a" verdadeira„ opinião publica, em Portugal.

Resta-nos, por consequencia, recorrer ao segundo processo, que se infelizmente é, por emquanto, inaplicavel á camara dos pares, é de facil emprego para a dos deputados.

Aproxima-se a occasião de ser renovada a camara electiva, e se o povo portuguez "quer„ restabelecer a normalidade constitucional — de que, por nosso mal, ha tanto tempo andamos privados — escusa de pedir a cura do mal ao chefe do Estado, nem ao governo. Tem na sua mão, para a conseguir, o remédio seguro, infallivel: é recusar-se a eleger, para seus representantes, em côrtes, os derrancados agitadores, que dia a dia exhibem, em plena camara, scenas de bordel de faias ou de tasco infecto, portando-se como cavallariços de infima especie.

A minha ideia está perfeitamente dentro da sábia e justa doutrina de selecção, que V., tão proficientemente e com tão louvavel tenacidade, tem apregoado e defendido no seu benemérito semanario.

Expulsem do seu seio, todos os partidos, a canalha *qualificada,* que os envergonha e conspurca, ergam ás dignidades sómente os homens sensatos e honestos, e a nossa bella patria, hoje tão magoada, perturbada e abatida, resurgirá, no concerto das nações, como uma respeitavel potencia colonial, que pode e deve ser.

Esta singela exposição envolve um pedido a V.; melhor direi: um appêllo á sua alma, generosa e intemerata, de devotadissimo patriota.

Aos immorredoiros e gloriosos serviços, que V. tem prestado ao paiz, exemplificando a verdadeira e lidima coragem civica e incitando a erguer-se, altaneira e imponente, a alma nacional, queira V. juntar mais um, de inestimavel valia: emprehenda uma campanha, porfiada, longa, tenaz, persistente, para que os influentes, de qualquer modalidade partidaria que sejam, se recusem, intransigentemente, a patrocinar, na proxima eleição, as candidaturas dos homens, que se hão mostrado indignos de terem assento nas camaras, e, caso apareçam incluidos em alguma lista, para que os eleitores côrtem, implacavelmente, d'ellas os nomes, bem conhecidos, dos individuos que tem aviltado, com o seu procedimento, as sessões da camara electiva.

V. dispõe, incontestavelmente, de uma enórme força dirigente. Empregue-a, toda, em prol d'esta cruzada, tão necessaria, que muito conseguirá, com toda a certeza. Pedir-lh'o-hia, supplicante, em nome de todos quantos no mundo mais estremece, se não soubesse, pelo seu proceder de sempre, que nada lhe é mais caro do que o bem da nossa patria. E' este que invoco.

Creia-me

De V. etc.

Um Portuguez

O descanço semanal

Não ha maneira de pôr isto a direito. A indisciplina é geral, tornou-se organica, e difficilmente poderão os homens de boa vontade luctar contra esta anarchia mansa, patrocinada ou pelo menos consentida pelas auctoridades. E todavia é n'este ponto, que urge bater, aqui se ha de insistir até fazer mossa, rachar e fender.

Na nossa sociedade não se comprehende a licença, que permitte a cada um obrar como quizer, sem respeito pelos outros, nem consideração pelos regulamentos e leis.

Antes de as haver toda a gente clama, que são precisas, depois esquecem-se, sophismam-se ou desprezam-se. Ainda ha bem pouco tempo que se agitaram as classes trabalhadoras com a sympathia da opinião publica para obter o dia do descanço semanal.

João Franco deu-lhes satisfação com applauso geral.

Homem decalcado no gosto dos costumes inglezes decretou por imitação, o que entre nós devia ser original, desde que a religião catholica é a dos portuguezes, e essa religião preceitua a favor de todos, especialmente os pequenos e humildes, cessação de todo o trabalho penoso para lhe deixar livre o pensamento e o coração.

A primeira ideia de J. Franco foi optima, obrigar todas as classes trabalhadoras a descançar ao domingo, dia sanctificado e o mais proprio para empregar convenientemente o tempo feriado. Ainda n'isto se conformaria com a religião do Estado e com a preferencia geral do publico inglez, tão praxista na guarda do domingo.

Cedeu porem a representações, umas interesseiras, outras idiotas, e lá foi de concessão em concessão até estar por tudo, menos a reserva de um dia de descanço depois de seis de trabalho.

O intuito moral da lei é manifesto para quem tem olhos de vêr. Não é necessario ser grande sociologo para aplaudir esta iniciativa de J. Franco e desejar mesmo o seu aperfeiçoamento. Os nossos orgãos não são de ferro, e se o fossem, o limite de elasticidade acabaria por fatigal-os e destruil-os. Necessitamos de reparar as forças para melhor trabalhar, de oxygenar o sangue depauperado, de abrir um parenthesis alegre no espirito abatido na sobrecarga de monotonia dos deveres da nossa profissão. Respira-se melhor. O ceo parece mais clemente, a terra, alma nutriz, toma uma feição mais carinhosa, a naturesa convida-nos á contemplação de suas bellesas incomparaveis, e a nossa alma levanta-se, ala-se aos grandes, fortes e nobres pensamentos da religião e da philosophia. Sim, da philosophia, e não se riam quando falamos de operarios, pois que só quem não observa as classes inferiores ou só o faz superficialmente, é que não adverte, que todos tem a sua, e por vezes admiravel de bom senso. E' por esse descanço um banho de luz, um cantico de harmonia, occasião de bellas emoções quando passa do longe da taberna, dos logares de orgia e de esturdia. Vigorisa a raça e melhora as suas condições moraes. E' manifesta a sua atividade. Porque pois cahir tão cedo em esquecimento? Como pôde a rotina, e a ignobil exploração do capital passar por cima de um voto nacional consagrado por uma lei do paiz e da crença?

A principio em Bragança ainda se conseguiu vencer a repugnanaia dos feridos nos seus interesses; João Franco não era para graças, e por isso tiveram de curvar a cabeça. Mas a breve trecho tiravam a desforra ás barbas da auctoridade, que não tem olhos, nem ouvidos, nem quer incommodar-se, nem incommodar os partidarios. Hoje, coisa curiosa, e verdadeiramente original, o commercio fecha no dia que escolheu, e as lojas e officinas abrem como d'antes até ás duas horas da tarde no domingo. Não é extravagante, estapafurdia esta differença! Como sempre, n'um meio sem ordem, nem pudor de especie alguma. Comtudo o arbitrio, a voluntariedade, o capricho de mãos dadas com a governancia, a gerigotice saloia, começando por abrir meia porta até ver, e acabando depois das primeiras tentativas bem succedidas por deitar fóra a mascara e abril-a toda. Só quem não attenta, é que não dá razão a muitas das considerações geraes que tem feito o *Povo de Aveiro.* O que falta no povo portuguez é caracter. Não o tem, e por isso é incapaz de gozar da liberdade e do bem estar que outros povos disfructam. A nossa gente, mesmo a illustrada, precisa de mão firme e segura. O portuguez de hoje ou é fanfarrão ou poltrão, talvez uma e outra cousa, irmanando-se aquellas duas qualidades na mesma origem. De qualquer forma uma psychologia doentia, falsa e imperfeita. A sua intelligencia é viva, prompta, capaz de chegar, mas não tem methodo, nem sequencia. Como a sua vontade, caminha vacillante e tropega. E' uma nota que tenho feito centenares de vezes em conversas e discussões, o portuguez dá relevo essencialmente ás partes accessorias ou secundarias, não ataca, regra geral, o fundo da questão. E assim um pormenor affectivo ou interesseiro arrasta-o para fóra do caminho da verdade e do bom senso.

Poderia citar milhares de exemplos para documentar o meu asserto, acho-o escusado, é de todos os dias e de todas as horas assistir a reclamações tediosas, impertinentes, nascidas das scenas desgostantes, mas particulares, provenientes da transgressão de leis ou regulamentos para o bem geral. Como se o alfaiate não devesse dar ponto porque se picou, e o ferreiro devesse deixar enferrujar a bigorna, porque se contundiu!

Ha pois muito que fazer para chegar ao fim. Oxalá que seja mais depressa que confiamos.

N.

Provincias

Alcabideche

A escumalha vermelha

A ignorancia e o atrevimento d'um deita-tombas — Caso typico de insensatez — O paiz que veja!

No valente *Povo de Aveiro,* tenho zurzido, pelo ridiculo e pelo commento de factos authenticos, a reles sucia de beberrões que a si proprio — porque ninguem faz caso de tal gentalha — se intitula partido republicanalha. O effeito d'esta campanha não é facil de descrever. O *Povo de Aveiro* é o terror dos saltimbancos de feira que assentaram arraiaes em Alcabideche, terra de gente pacata e trabalhadora que nada tem e nada quer com essa meia duzia (não chega a tanto) de ôdres ambulantes que em vez de proferirem palavras golfejam vinhaça que põe em debandada, pelo cheiro nauseante, quem tiver a desgraça de estar perto de tal troupe de *clowns.*

Até aqui a cambada ululava cheia de raiva contra tudo e contra todos. O espectro de *Thalassa II* é o eterno pesadelo da malta. Mas a mais nada se atreviam, senão a mostrar os cravos, no constante torneio de movimentos proprios da raça azinina. Os miseraveis são *isto* e nada mais se póde esperar de quem é constituido no seu picaresco conjuncto por *ursos hungaros,* em constantes momices, ao som do *ulá, ulá,* do homem da vara.

Pois bem. Agora o *caso* toma outro rumo. Os leitores façam o favor de desapertar as suas calças e prepararem-se para o ataque de gargalhada que lhes vae proporcionar o sr. (conhecem?) o sr. Tabuca. ! ! ! ! ! . . . .

O *documento* que segue tem, no momento actual, a maior importancia, e fica como peça para o estudo da psychologia contemporanea da seita vermelha. Perdôe, sr. redactor, o *elogio* do deita-tombas-jornalista, a intellectualidade maxima da grande republica da Extremadura, com a sua capital em Alcabideche. Elle . . . não sabe o que fez. A sua prosa vae, ser reproduzida em varias gazetas, de larga publicidade, para todo o paiz ficar sabendo até onde chega a desorientação, a ignorancia, o atrevimento, a insensatez d'este sapateiro que largando a sovela coberta de serol, veio, para publico, definir o que é, o que vale, o que representa o republicanismo em geral e — nomeadamente — a troupe de Alcabideche.

E' a prova da maior miseria conjugada com o signal da mais significativa insolencia.

E' necessario, porém, conservar o **original** com a respectiva pontuação, para pasmo de todos. Peço, sr. redactor, o maximo cuidade na revisão do insolito *instrumento* da suprema condemnação perante todo o paiz da republicalha de Alcabideche, que deitou foguetes para commemorar o assassinato de D. Carlos e seu Filho.

O *documento* veio a lume do n.º 2 do *Defensor* do Mont' Estoril (que felitamos desejando-lhe longa vida) que o encimou com o suggestivo titulo de *curiosidades* e cuja recepção descreve assim:

«**Curiosidades**

Entrou-nos outro dia um cidadão de Alcabideche na nossa redacção pedindo-nos com insistencia a publicação da carta que se segue e como na realidade nos apraz mostra-la ao publico ahi vae ella.

A razão é toda d'elles, e a prosa . . . do sr. Trabuca:

Alcabideche 4-6-910 — Senhor Director peço-lhe a fineza de publicar esta minha carta no seu jornál.

O *Povo de Aveiro* que tem por Director um tál descalificádo Homem Christo; que mais valia que a sua Farda tivesse pendurado num cabide do no corpo do tal sujeicto.

Tenos ferido na nossa honra de sidadãos livres e honrados, não sei o que justifica tão amárgo conceicto dos nossos adevercarios. O que, affirmamos com toda a altivez e honbridade. E que os republicanos filhos de esta terra sópecam por ser excissivamente laboriosos activos modestos e honrados. O pão que comem é amassádo com o suór do proprio rosto, E' porem possivel que exixcta aqui rialmente; um perigosso bando de bandidos a conpremeter e a envorgonhar a terra, e nesse cáso será precizo desmascaralos. O marcalos a ferro em brása para que deixem de passár com o seu approbio, sobre uma pupulação honesta laboriosa honrada e digna Aponto de nos chamar pifios ignorantões alcateia ululante de imbecis e cobardes porcos urços e burros maus e cuadrilheiros e de eta?

"Ora tudo que diz esse nojento, de este Povo é mentira„ como lhe próvo com verdades, pifios e ignorantões, não? porque conhecem o valor dos homens que tem posto assáque os cofres da Nação E' a "Alcateia ululante de imbecis de cobárdes tonbem não porque não dezacraditom térras e depois vivem dobácho do covardissimo nome de aonimo?...„

"pórcos ursos e burros tonbem vejo que é mentira que não é pressizo lovállos ariatádos para Eleições„ maus e quadrilheiros ainda muito menos porque sendo a minha terra uma Freguezia que dá um boudo aos pobros não é tão ruim como o senhor diz; e eu não tenho no meu partido jente que vá ver as panellas dos vezinhos para ver o que tem dentro; se os tinha, já tiveram aventura de fugir para o seu.„

Ora o senhor, durante tanta coisa que escreve não diz senão trez verdádes a primeira é que bebe vinho na companhia de nóz e depois vae dizer mál? Da jente.

Segunda é que eu sendo republicano e tendo todos os Munarqios por amigos não pssso a devinhár qem seja porquem mal não uza mal não quida por isso não temo ninguem tresseira é que bate o ponto: o senhor diz nos seus artigos que nós chamamos burros aus talassas.

Pois o senhor escrevendo um artigo e assinandosse por esse pseudonymo, e cóspe sobre este pôvo; o que quer que lhe chame? senão burros, "porque não dá coisses?„

Ora mais lhe digo que sou amigo de todos, sámaahá se fôr pressizo qualquer couza em minha defeza apresentar-lhe-hei, sentenas de testemunhas de defeza e não olhando a côures.

O senhor diz que não tem medo de escrever o seu nome nos seus artigos; porque não escreve? "porque sabe que apenna só é penna cuando escreve a luz, "e tornasse um pulhal na sombra„ por conceguinte escrevendo o seu nome o correspondente, " e na sombra de anonimo e um nojento cobarde.

Agora peço o senhor Ademenistrador afineza de não fazer o vontade a esse anonimo porque não tem coragem de escrever o seu nome.

Para que elle não diga como aquelle negreiro que prendia os seus escravos de pés e mãos e mandava a checotear e depois dezia muito urgulhôzo são tão mizaraveis que nem se defendem porque o sól quando nassse é para todos.

Manuel Correia Trabuca Junior

N. da R.—Esta carta é publicada apenas por curiosidade pois que entendidos para sempre, não fazemos politica como declarámos. Repetimos a razão é toda d'elles e a prosa . . . do sr. Trabuca.„

Até aquí o Defensor.

Descarregue, sr. Redactor, com força, só em duas linhas (porque não merece mais,) o seu azorrague n'este pendante que, em vez de estar, em qualquer escada, a deitar tombas, em calçado de brocha, vem assim envergonhar uma freguezia que não tem culpa de ter sido berço d'este *sabio* que tem sido objecto da maior chacota de toda a gente, sendo digno do maior louvor o *Defensor* que *assim* deu a ultima machadada na reles claque da vinhaça barata. O que fez um sapateiro! Já queria tocar rabecão. Agora . . . faça pinos para botas que é officio leve e mais facil que escrever com orthographia. E, por quem, é, sr. Trobuca, dê, com nova epitola, cutra pancada de riso á gente. Não imagina o que faz bem ao figado de quem não é *sidadão* (a graphia é do sr. Trabuca)

Valente Trabuca, o paiz te contempla!

Os monarchios (é d'elle) tremem!

Thalassa II

—†—

Peniche

Afinal, a respeito de convicções politicas, zero. O Dr., segundo consta, lançou-se nos braços do Teixeira de Souza com a mira de arranjar um bom logar fóra d'aqui. Ora vejam; um rapaz, que se dizia republicano desde que deixou os calções e que trabalhava activamente na propaganda republicana e maçonica, por conveniencia levantou a barraca e deixou os arraiaes. São as taes convicções intestinaes. E vá lá que isto ainda o não deshonra tanto, porque a necessidade é dura lei, como se deshonraria, se a sua evolução politica fosse um mero fingimento; porque então não mais se fallaria em falta de convicções, mas sim em doença de caracter.

Eu duvido ainda muito que o Dr. venha a sahir d'aqui; mas se assim acontecer, até os cães hão de ladrar, porque elle, embora fosse amigo do progresso da villa, tinha comprehensões muito erradas do progresso, e prestou mau serviço em levantar muito as patinhas a certos *gajos* que não tinham outro merecimento senão pertencerem á sua canzoada, e serviço peor ainda em envolver na rêde maçonica, juntamente com essa escoria, rapazes serios e dignos de estima. Levantou-lhe muito as patinhas, Dr., levantou-lhe muito as patinhas, e por isso alguns d'elles já lhe vão rosnando ás canellas, e se você sahir então é que será ladrar. Olhe, Dr., um conselho. Você como medico fará um bom logar em toda a parte e ganhará bem; e então seja só medico, e mande ao diabo a politica e os cães que lhe lamberem as solas.

Se elle sair, quem virá depois? Ábra os olhos quem os deve abrir, e não nos imponham para cá algum *espanta* ou *amigo do copo.*

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.

Lisboa—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismido Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Raphael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; Havaneza Central, Praça de D. Pedro, 59, João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento 102 a 104; Rozendo R. Gonçalves (Tabacaria Gonçalves), Rua de Santo Amaro 1 a 5; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza dos Paulistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; J. D. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves, Rua da Magdalena, 188-190; Kiosque Largo de S. Roque; Tabacaria Amelia, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 47; Manuel Loureiro do Prado, Rua do Possollo, 27.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa. 290 A; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

Espinho—Kiosque Reis; **Vizeu**—Kiosque do Rocio; **Chaves**—Annibal de Barros. **Villa Real**—Kiosque Trindade, **Alvorninha**—Paulino da Silva Mendes. **Estoril**—Alfredo Pinto. **Villa Franca de Xira**—Tabacaria Marciano Mendonça. **Seixal**—Profirio Ferreira. **Villa Velha de Rodam**—Antonio da Cruz Pinto. **Mangualde**—Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem**—Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul**—José Augusto d'Almeida. **Fáro**—Francisco Matheus Fernandes. **Evora**—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21. **Cascaes**—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea. **Cortegana**, Alemquer—João dos Santos Pereira. **Paderne**—**Algarve**—Antonio Anacleto d'Oliveira **Torres Novas**—João Rodrigues Sentieiro. **Amarelja**—**Moura**—Manuel Frade. **Castello Branco**—Vende-se pelas ruas. **Monte-mór-o-Novo**—Fortunato Reinata. **Tondella**—Mario do Carmo. **Pedrogam Grande**—Adelino Lourenço dos Santos. **Idanha a Nova**—Christiano Pereira Barata, **Ançã**—José da Costa Neves. **Braga**—Manuel Gonçalves Vaz, Kiosque Gonçalves. **Taboa**—Francisco da Costa Carvalho. **Monsão**—João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos**—José Miguel Fernandes David. **Pinhel**—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres.

Vianna do Castello—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego**—Joaquim Valente. **Castello Novo** (Beira Baixa) João Pereira dos Santos. **Elvas**—Luiz Samuel da Silva. **Agueda**—Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã**—João Pereira Saraiva. **Santa Cruz da Graciosa**—Antonio Ernesto Esteves. **Fundão**—Belarmino Barata **Guarda**—José da Silvaa.

Cadaval—Antonio Lopes Leal. **Sobral de Mont'Agraço**—Arthur Carvalho. **Moura**—José Fragoso de Lima Nunes. **Tavira**—Francisco Peixoto. **Alcochete**—Joaquim Valentim. **Santarem**—Vende-se nas ruas. **Cezimbra**—Antonio José Pereira. **Angeja**—José Maria Martins dos Santos. **Castello de Vide**—Antonio Lourenço Beliz. **Villado Cano**—Antonio Martins Florentino.

Louzã—Adelino P. Erse. **S. Bartholomeu de Messines**—A. Cabrita do Rosario. **Mattosinhos**—Agencia Lusitana Rua Roberto Ivens. **Coimbra**—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto. **Oliveira do Hospital**—José de Mello Alves Brandão. **Alcobaça**—Antonio Vazão. **Gouvela**—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp. **Leiria**—Jayme Monteiro. **Portalegre**—João Gervasio Coelho Largo da Sé. **Vendas Novas**—Joaquim Maria de Andrade (*o Varino*). **Setubal**—Manuel Tavares. **Arronches**—Miguel Maria.

Vianna do Alemtejo—Joaquim Antonio Carvalho. **Loriga** (*Ceia*)—João Mendes Cabral Lages. **Escalios de Cima** (Beira Baixa)—Miguel Maria Tavares. **Lagôa**, (Algarve)—Manoel Rodrigues Rogado. **Villa Viçosa**—Luiz Filippe d'Abreu **Bragança**—Manuel Benito. **Funchal**—Francisco de Senna Lisboa, Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira**—Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis**—Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha**—Venda pelas ruas. **Porto de Móz**—José Henriques. **Alandroal**—Armando Tavares de Moura Palhas, Pharmacia Caeiro. **Thomar**—Joaquim da Costa Carvalho. **Alemquer**—João Matheus da Silva Brito, Rua Direita. **Fáfe**—Almeida Guimarães & Alves. **Cabanas**—Julio Requixa. **Ponta Delgada**—**S. Miguel**—Cafe Tavares. **Guimarães**—Antonio Lopes Martins. **Esmoriz**—Emilio Augusto Fernandes. **Villa Nova de Famalicão**—José Ferreira Ramos. **Olhão**—Antonio de Souza Gouveia. **Villa do Espinhal**—Augusto Duarte Bento. **Moita do Ribatejo**—Victorino Soeiro.

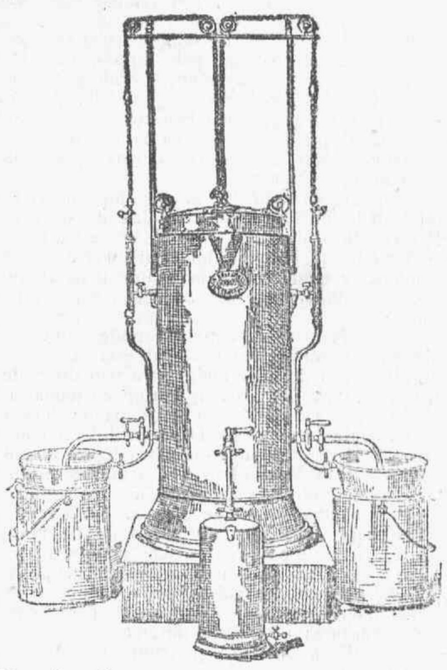
BRAZIL

Rio de Janeiro—Manuel Botelho d'Abreu—Associação dos Empregados do Commercio—Avenida Central, 120. **Manaus**—Agencia Freitas.

A. Anselmo & C.ª

20, LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA



Canalisações para agua, gaz e acetylene, Gazometros para acetylene em chapa de ferro chumbada, com um e dois geradores, os mais praticos, solidos e economicos

Absoluta segurança e simplicidade no funccionamento. O mais perfeito purificador até hoje conhecido. Accumulador interior. Carboneto dividido em secções. Gazometros para bordo. Montagens garantidas e economicas.

Pedir preços e condições a

A. ANSELMO & C.ª

LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA

Casa de variedades

(Unica neste genero em Portugal)

Apparelhos de prestidigitação e interessantes novidades de Paris e Berlim.

Remette-se gratis o novo catalogo illustrado com bellos desenhos.

Pedidos a J. G. Oliveira, calçada do Garcia, 28, 1.º—Lisboa.

Typographia a vapor

DO

Povo de Aveiro

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, das casas Bauer, Schelter, Berthol, Klinkardt, Ingenfrost, Dietz & Listing, Albert & C.a, Turlot, se fazem todos os trabalhos typographicos, como livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de visita, bilhetes de estabecimentos, memoranduns, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a Francisco Manuel Homem Christo, proprietario e director do *Povo de Aveiro.*

Anneis electricos

Contra todas as doenças nervosas, rheumatismo, impotencia e dôres de cabeça.

Preços — Annel electrico simples, 200 réis; com força dupla, 300 réis.

Annel electro-magnetico em double ouro a duas correntes, 500 reis; o mesmo a tres correntes, 800 réis.

Annel electro-magnetico a tres correntes, cinzelado em double, ouro, superior, 1$000 réis.

Remette-se a quem enviar a importancia e mais 25 réis para o porte.

Pedidos a J. G. Oliveira, Calçada do Garcia, 38, 1.º—LISBOA.

O Prestidigitador moderno

Segunda edição

Segunda edição

Augmentado com muitas sortes novas de effeito surprehendente, e com especialidade **a dança phantastica, o Espelho encantado e uma Mulher queimada viva.**

Illustrado com mais de 100 gravuras.—Preço, 300 réis.

A' venda nas principaes livrarias, kiosques e tabacarias.

Deposito geral, Casa de Variedades, de J. G. Oliveira, Calçada do Garcia, n.º 38, 1.º—**Lisboa.**